

AMARO

internacional e valoroso
médio do BELENENSES

(Foto Nunes d'Almeida)

Stadium

N. 54 * 15 de Dezembro de 1943

O panorama social da humanidade de hoje é bem diferente do que o Mundo conheceu até os alvíres do século passado. A vida tranqüilla, quasi monástica, do homem de outrora, transfigurou-se por completo, adquirindo aspectos inéditos de intensidade, agitação e ruído polifônicos, verdadeiramente desconcertantes. O movimento, a velocidade, as mudanças rápidas, const tuem o signo de uma época em que tudo capricha avançar depressa na senda do destino.

As descobertas científicas e suas subsquentes aplicações técnicas deram à civilização contemporânea uma tendência nitidamente social, de acentuado dinamismo. A convivência, o intercâmbio das idéias, os empreendimentos colectivos passaram a ser as características marcantes de uma sociedade progressiva, que fundou todo o seu poder e riqueza nas belas e admiráveis realizações da indústria e das ciências aplicadas.

O homem entra a dominar a natureza ao mesmo tempo que dela se afasta. As populações abandonam os campos, num êxodo sem precedentes na história. Formam-se os grandes aglomerados humanos, as metrópoles do Mundo moderno, buliçosas e ardentes, palpitantes de vida, em que as relações de sociabilidade atingem as máximas culminâncias.

Fululam nelas as fábricas, os maquinismos — fontes de produção que multiplicam, ao infinito, os esforços criadores do homem, na luta pelo seu bem estar material.

Todos esses centros populacionais, dos maiores aos menores, se encontram ligados, entre si, por numerosas vias de comunicação, para acesso ou distribuição das matérias primas, dos produtos alimentares ou manufacturados, que permitem, ao mesmo tempo, a rápida deslocação dos seus habitantes.

Tudo se conjuga para rodear o homem de formosas perspectivas de felicidade. Conforto, comodidades, pretendem dar à vida atmosfera paradisíaca, de libertação suprema das duras condições de existência das épocas passadas. Todavia...

Se é facto que as conquistas do homem, no campo da ciência e da técnica, lhe deram grandeza e poder, não é menos certo que a imperfeita ou inadequada utilização das vantagens materiais e económicas ofertas pelo progresso, criaram as mais desfavoráveis condições para a saúde e robustez dos povos civilizados.

O dinamismo da época actual provém fundamentalmente da acelerada circulação mecânica, das bruscas e constantes mutações da vida social, que decorre, quasi sempre, veloz e fugidiva, tudo solicitando do sistema nervoso e pouco ou quasi nada do vigor muscular. O homem é arrastado pelo frenesi da acção, preside ou subordina-se ao mecanicismo do movimento, mas relega-se a si próprio à mais desoladora imobilidade corpórea!

Se é facto que o homem alcançou o domínio da natureza, pelos seus aperfeiçoados recursos técnicos, não é menos certo que essa mesma riqueza de recursos o levou a vida pouco saudável, artificial, confinada, longe das fontes criadoras da natureza. A crescente expansão do urbanismo, sintoma expressivo do divórcio entre o homem e a natureza, priva as populações do ar livre dos campos, dos vivificantes raios solares, da água fresca, pura e mineralizante, das fontes e nascentes. Os organismos perdem muito da sua energia vital, sofrem a terrível vingança dos elementos naturais ao ambiçoso domínio do homem!

Se é facto que a actividade fabril e toda a sua extensa maquinaria livraram o homem do trabalho corporal das outras eras, árduo e fatigante, não é menos evidente que a sedentariedade das profissões, pass ou a constituir a causa mais predisponente à contracção das doenças.

E se as maravilhas da mecânica deram ao homem o domínio do espaço, através de célestes meios de transporte, não se poderá olvidar que igualmente o prejudicaram na sua robustez física, limitando ao mínimo a utilização

(Conclui na pág. 14)

ESTÁ assente em definitivo a realização do campeonato nacional corporativo, nas condições já apontadas por nós, ou seja sem a cooperação dos jogadores que disputam os campeonatos dos inter-clubes. O torneio manter-se, assim, dentro das características que lhe são próprias.

O campeonato começa no próximo domingo. Criaram-se duas séries e, em cada, uma «poule», numa volta. Os três primeiros classificados de cada série disputam nova «poule», também numa só volta. O vencedor será o campeão corporativo do distrito de Lisboa. Os diversos campeões distritais disputarão, entre si, o título de campeão nacional.

Trata-se, pois, de um torneio que vai despertar interesse em todo o país, concorrendo ao mesmo tempo para estreitar relações de camaradagem no campo corporativo e para alargar a expansão do futebol.

ALÉM do campeonato nacional corporativo, e ao mesmo tempo, disputar-se-á, organizado também pela F. N. A. T., um torneio de futebol em segundas categorias. O futebol corporativo entra, deste modo, numa fase de grande movimentação.

Os desafios deste torneio, bem como os das «poules» lisboenses para o campeonato nacional, disputam-se no campo de «Afonso de Albuquerque», em Belém.

COM o principio do inverno coincide o período mais intenso dos aniversários dos clubes desportivos. É possível que a coincidência resulte de muitos deles se haverem fundado para a prática do futebol, que é um desporto de inverno. Por este motivo, ou por qualquer outro, o certo é que os aniversários são agora em série...

Encontram-se em festa, por motivo de completarem mais um ano de existência, os seguintes clubes: Clube Internacional de Futebol (1902), Sporting Clube Figueirense (1918), Ginásio do Alto do Pina (1922), Juventude Sport Clube, de Évora (1918) e Clube Fluvial Portuense (1876).

A todos estes clubes apresentamos o nosso cartão de parabéns, desejando-lhes as maiores prosperidades.

ESTÁ feito o rescaldo da falta do Sport Lisboa e Benfica nos campeonatos nacionais de atletismo (seniores); a Direcção Geral de Desportos, em resultado de um inquérito feito sobre o caso, aplicou a pena de dois contos.

O Estoril Praia acaba de ganhar novamente o campeonato de Lisboa de futebol, na II Divisão. Não perdeu nenhum jogo — e marcou 84 bolas. Houve sempre afinção no pé...

O mesmo clube triunfou igualmente no campeonato de reservas. Foi, pois, um triunfo em série. Agora, falta especialmente a nova tentativa de passagem para a I Divisão. O Fôsforo é adversário valoroso. Aguardemos, entretanto.

ANO XII — Lisboa, 15 de Dezembro de 1943 — II SÉRIE — N.º 54

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS
Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.
Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19.3.º
Telefone 51146 — LISBOA
Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

FOI já pôsto em relvto, na «Stadium», o brilhantismo das jornadas disputadas do campeonato nacional da I Divisão, em futebol. O grande torneio tem em Tavares da Silva um comentador de mérito. Está bem entregue o trabalho de análise ao que cada clube vai fazendo, para honrar as suas tradições, ou para justificar as aspirações de um grande triunfo.

Há um aspecto do campeonato que constitui problema em equação: o menor desnível de resultados entre as equipas de Lisboa e da provincia. É Lisboa que está jogando menos? Ou é a provincia que joga mais? Enquanto se não chegar a conclusão, vai subindo o entusiasmo. Quanto mais imprevisto o resultado, maior a expectativa. E' dos livros...

O segundo encontro Luso-União, para o campeonato distrital de Beja, provocou grande entusiasmo naquela cidade. E foi por coisa pouca — apenas porque o União empatou com o Luso na primeira volta e tinha por isso probabilidades de ganhar o campeonato.

APÓS a terceira jornada do campeonato nacional da I Divisão, o «goal scorer» do torneio é ainda Eduardo Lemos, avançado-centro da Associação Académica.

Este resultado é realmente curioso. De modo geral, os melhores marcadores pertencem aos clubes que venceram. Com Lemos dá-se o contrário — conseguir ser o melhor em três desafios perdidos. Esta nota serve para se aquilatar do valor de Eduardo Lemos a marcar pontos.

COMEÇOU também o campeonato nacional da II Divisão. Os moldes são os mesmos — muitos clubes, a dar a impressão de que a prova se estende a todo o país. No conjunto, não passa de um torneio que na fase inicial é pouco mais do que uma nova série de vários campeonatos distritais.

O interesse da prova começa especialmente quando principiam as «poules» entre os vencedores das séries. Se tivesse somente estes clubes, provocava de certo maior entusiasmo. E constituiria defesa legítima — para os clubes que saíam da I Divisão. Assim, é apenas mais um torneio oficial.

O nosso desejo de contribuir para que as festas e provas do desporto decorram sempre em ambiente de correcção, leva-nos a felicitar o trabalho das entidades que castigam quem prevarica. Por espirito de justiça, sentimento, porém, obrigados a repór as coisas no devido lugar, quando se verifica que o castigo não foi justo ou não teve base suficiente para justificar a sua aplicação.

Julgamos por isso de nosso dever registar que foram anulados os castigos aplicados aos jogadores Franklin, do Belenenses, e Barrosa, do Sporting, por incidentes ocorridos no desafio Belenenses-Sporting, da primeira volta do campeonato de Lisboa. A solução demorou um pouco. Mas vale mais tarde que nunca. São pois castigos que ficam — em branco.

CONSTITUÍRAM êxito as primeiras sessões do Torneio do Inverno do Estoril Praia, na piscina do Estoril. Apareceram bastantes concorrentes. Houve grande animação em quasi todas as provas. E registaram-se alguns resultados técnicos que são dos melhores de todo o ano. A natação teve por isso excelentes jornadas de propaganda.

O Sacavenense tem o seu campo interdito para a prática do futebol, como consequência de factos graves ocorridos por ocasião do encontro Sacavenense-Futebol Benfica. Vai ser feito um inquérito sobre o caso.

Os clubes e jogadores precisam de ter cuidado com estes percalços. A interdição de um campo representa a paralisação de um clube em determinado desporto.

BALANÇO GERAL DA ÉPOCA

VI—Os saltadores

por SALAZAR CARREIRA

Quando a STADIUM pergunta...

J. J. BARATA

fala-nos de luta greco-romana

Os concursos de saltos são das raras provas cuja concorrência tem aumentado em Portugal, embora essa afiliação não seja acompanhada por progresso técnico equivalente. No entanto, o simples facto em si é já motivo para agrado, pois quanto maior for o número de praticantes maior será também a probabilidade de revelação de valores.

O salto em comprimento, sendo dos quatro o mais fácil de executar, é logicamente o que refina mais adeptos — mas a melhor média de conjunto encontra-se no salto em altura.

Nesta última especialidade possuímos agora dois bons especialistas: Matos Fernandes e João Durães, o primeiro dos quais é de classe para inscrever o seu nome à cabeça da lista das melhores marcas nacionais.

Já a seu respeito formulámos uma opinião fundamentada, que nos parece escusado repetir e cuja conclusão se resume em reconhecer que a sua excelente classe de atleta completo justifica uma dispersão de actividades que contudo o tem prejudicado — não discutimos se criteriosamente ou não, porque ambos os processos são aceitáveis — as marcas de pura especialização que em alguns exercícios atléticos poderia ter alcançado.

João Durães, que no princípio da época transpusera prometedormente o metro e oitenta, perdeu depois a harmonia do estilo e não conseguiu repetir a proeza, por evidente defeito na posição do corpo sobre a barra e no lançamento dos braços para o obstáculo.

Todos os nossos saltadores em altura sofrem do mesmo erro; neste ou naquele gesto, existe sempre, na sua maneira de saltar, qualquer deficiência de coordenação, que os impede de progredir na medida do que os seus recursos anunciavam. O problema deve resolver-se com estudo: a técnica moderna é muito complexa, exige intervenções precisas, simultâneas e antagónicas, dos diversos sectores do corpo, mas o trabalho — que é o grande inimigo dos atletas portugueses, raramente pacientes e assíduos — tudo pode resolver.

Na falange dos novos, criaram já a referência Luís Alcide, Manuel Meneses, Faustino Guerreiro, Sousa Morato e Miguel Coelho, que não conseguiram ainda tirar rendimento das suas apreciáveis faculdades.

O lote de saltadores em comprimento foi grande — mas fraco; basta referir que um estreado do ano ganhou todos os concursos até ao título nacional dos seniores, coleccionando os seis campeonatos da mesma prova, proeza única na história do atletismo português. Trata-se de um rapaz com evidente habilidade, mas cuja forma de saltar está ainda muito longe de aperfeiçoada e só em virtude da ausência de valores já feitos. Álvaro Dias com eguio chegar tão longe, com o resultado máximo de 6^m,47; o seu maior defeito está no aproveitamento da corrida preparatória, onde nada utiliza a sua apreciável velocidade, valendo-se apenas do impulso de chamada.

Os seus melhores adversários foram Luís Alcide, com qualidades, mas em má forma; o veterano Manuel Oliveira, que não aprendeu ainda a medir a corrida; João Mendonça, elemento que progrediu invulgarmente; e Mota Capitão, que foi o único saltador com estilo definido.

O triplo-salto é uma prova sem especialistas: Luís Alcide — e mais ninguém a seguir. Renato Espírito Santo está em declínio; Moniz Pereira é um atleta trabalhador, mas pouco veloz e demasiado frágil; o campeão nacional Manuel Ribeiro, pode vir a ser um saltador de triplo mas, por enquanto, é sómente uma vaga promessa.

Esta especialidade requer condições físicas invulgarmente e de resistência articular, de capacidade de descontração, de velocidade e força; impõe-se, ainda, a necessidade de relacionar as distâncias do pulo, do passo e do salto, para conseguir o melhor alcance total — e nenhum dos nossos praticantes se preocupa com isso: basta-lhes esforçar para o máximo alcance no primeiro pulo e julgam assim

conquistado o resultado ótimo, quando cometeram afinal um erro comprometedor.

Resta nos dizer alguma coisa dos saltadores à vara: revelou-se um rapaz muito habilidoso. António Santos, discípulo de José Garnel e senhor já de razoáveis conhecimentos gerais de técnica; a seu par mantiveram-se o veterano Martins Vieira, em cujos pr. grossos não é lógico crer e Montalvão Fernandes, que considero o melhor apetrechado dos saltadores à vara portugueses, mas cujo estilo precisa de ser profundamente burilado.

*

São campeões em 1943:

Estreantes: Altura—Lisboa, Faustino Guerreiro (Sp.), 1^m,65; Pôrto, Arnaldo Garçon (Br.), 1^m,67; Coimbra, Armelino Bentes (Ac.), 1^m,55.—Comprimento: Lisboa, Alvaro Dias (Sp.), 6^m,16; Pôrto, José Romero (F. C. P.), 5^m,90; Coimbra, G. Marques (Ac.), 5^m,05.

Principiantes: Altura — F. Guerreiro (Sp.), 1^m,70; Comprimento, Alvaro Dias (Sp.), 6^m,31; Vara, Alvaro Dias (Sp.), 3^m, todos em Lisboa.

Juniores: Altura—Nacional, Sousa Morato (F. C. P.), 1^m,65; Lisboa, F. Guerreiro (Sp.), 1^m,70; Pôrto, G. Alexandry (Ac.), 1^m,60; Coimbra, J. Travanca (Ac.), 1^m,65.—Comprimento: Nacional e Lisboa, Alvaro Dias, com 6^m,45 e 6^m,27; Pôrto, António Landolt (F. C. P.), 6^m,20; Coimbra, Abreu Lima (Ac.), 6^m,22.—Tripló—Pôrto, G. Alexandry (Ac.), 12^m,38.—Vara—Nacional e Lisboa, António Santos (Bf.), com 3^m,20 e 3^m,10; Pôrto, D. Severino (F. C. P.), 2^m,90; Coimbra, Pinheiro Gonçalves (U.), 2^m,50.

Universitários: Lisboa — Altura, Meneses (C.), 1^m,70; Comprimento, Mota Capitão (M.), 6^m,41; Tripló, Moniz Pereira (I.N.E.F.), 12^m,90; Vara, M. Lemos (I.N.E.F.), 3^m,20.

Corporativos: Altura — Nacional, Pinto da Cunha, 1^m,50; Lisboa, Manuel Dias, 1^m,53; Comprimento: Nacional e Lisboa, Francisco Lopes, com 6^m,13 e 5^m,70.

Seniors: Altura — Nacional, João Durães (Sp.), 1^m,75; Lisboa, Matos Fernandes (Bf.), 1^m,80; Pôrto, Alberto Cunha (Ac.), 1^m,70.—Comprimento: Nacional e Lisboa, Alvaro Dias (Sp.), com 6^m,30 e 6^m,47; Pôrto, Landolt Sousa (F. C. P.), 6^m,16.—Tripló: Nacional e Pôrto, Manuel Ribeiro (Salg.), com 12^m,36 e 12^m,68; Lisboa, Luís Alcide (Bf.), 13^m,59.—Vara: Nacional, vago; Lisboa, Martins Vieira (Bf.), 3^m,40; Pôrto, Arnaldo Borges (F. C. P.), 3^m,12.

Segue a lista actualizada dos melhores resultados portugueses:

Altura: Guilherme Espírito Santo (Bf.), 1^m,88, 25-8-40; Fernando Matos Fernandes (Bf.), 1^m,85, 18-7-42; Pedro Vasconcelos (Bf.), 1^m,835 e António Bastos Machado (B. C. Braga), 1^m,833, ambos em 16-6-40; Pascoal de Almeida (C. Q.), 1^m,82, 8-8-15; Alberto Cunha (Ac.) e João Durães (Sp.), 1^m,80; Carlos Antero (Sp.) e José Esteves (Bf.), 1^m,76; seguem, com 1^m,75, Palhares Costa (Sp.) Martins Vieira e Luís Alcide (Bf.) e António Marques (Ac.).

Vara: Fernando Boaventura (Sp.), 3^m,70, 10-8-40; Alvaro Martins Vieira (Bf.), 3^m,60,



Matos Fernandes

DESDE há algum tempo que o nosso camarada Lanca Moreira, antigo lutador do Lisboa Gimnásio e propagandista indefectível da modalidade, vem, nas colunas da «Stadium», desenvolvendo uma campanha pró-resurgimento da luta greco-romana.

Impunha-se, portanto, ouvir alguém ligado àquêle desporto, que pudes e dizer algo do que convém saber, depondo nesta série de entrevistas curtas — com atletas praticantes, dirigentes ou simples simpatizantes e espectadores — que nos propusémos fazer.

Uma pessoa estava indicada: Joaquim José Barata, praticante no Ateneu Comercial, colectividade que ultimamente tem dedicado grande atenção e carinho à luta greco-romana.

Quem é J. J. Barata? Um antigo campeão — vencedor de vários torneios, na categoria de «minimos», desde principiante a «senior» — jogador de «hockey» e de «basketball», dirigente da secção «celista» e grande apaixonado dos desportos de força. Discípulo de António Pereira, conhece como poucos os segredos da luta greco-romana, seguindo a «escola» do professor, de parçaria com outros atletas de nomeada na mesma colectividade: Vasques Filipe, Alvaro Santos, Augusto Ricardo, Almeida e Sousa, Ratinho, etc.

— Tem-se falado e escrito muito acerca da Federação e da ausência de torneios, ponto basilar para a organização dos campeonatos respectivos. É certo que a modalidade «estagnou» — caindo num pantano... Mas também é verdade que aos clubes cabe muita culpa, pois é a eles que compete eleger os directores do organismo máximo! E como quem elege também pode depôr, segue-se que só por descuido as coisas chegaram a tal estado... Acho que é bom não enjair responsabilidades, porque, em verdade, todos nós as temos! Mas agora a questão vai tomar outro rumo... A bem dizer, a Federação Portuguesa de Atletica e Luta — pela nova orgânica do desporto — não existe! Há que começar de novo e criar, quanto antes, as associações regionais, principalmente a de Lisboa, por ser a mais necessária. Depois, então, fomentar a propagação...

«O Ateneu começou já a trabalhar. E creio que nos outros clubes sucede a mesma coisa. A «Stadium» cumpre auxiliar-nos, já que mexeu na questão com tanta oportunidade... Contamos, de resto, com toda a Imprensa, na generalidade, porque sem a sua propagação e auxílio é inútil querer desbravar o caminho. A luta greco-romana é um desporto bonito e bom, que tem a simpatia do público. É preciso não a perder... Por isso mesmo o meu clube vai promover...

(Conclui na pág. 11)

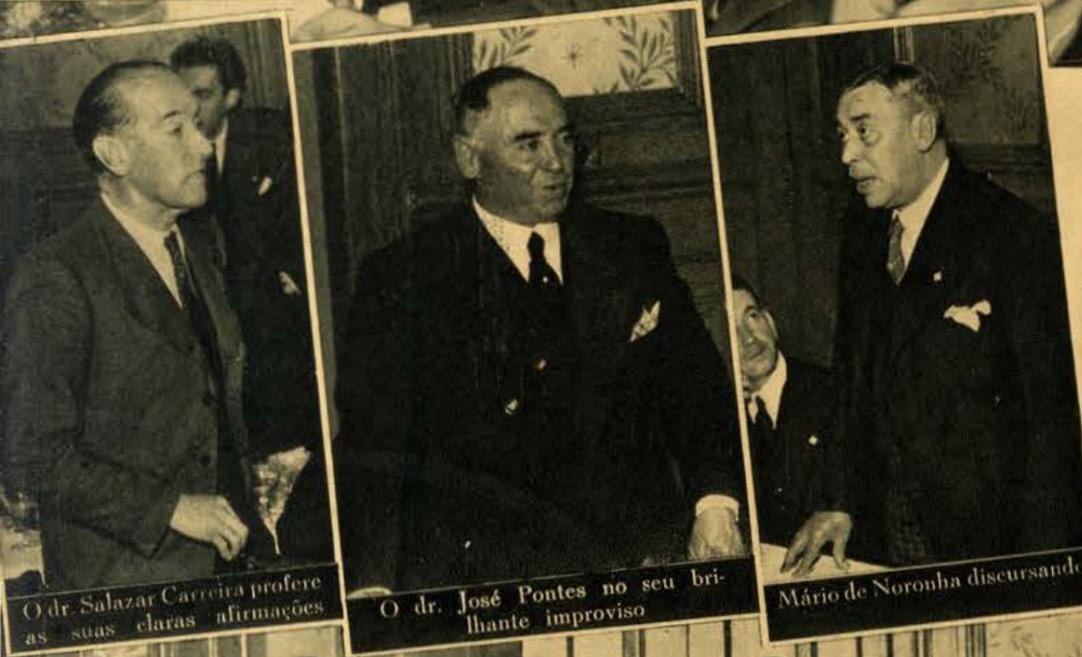
21-8-38; Joaquim Barrija (G. D. F., Lourenço Marques), 3^m,435, 15-1-38; João Montalvão Fernandes (E. V.), 3^m,42, 20-7-41; Mário Saraiva (Gaia), 3^m,40, 14-6-33; Alvaro da Fonseca (Bf.), 3^m,36; Manuel Oliveira (Sport), 3^m,35; seguem, com 3^m,30, Francisco Duarte (Ac.), Arnaldo Borges (F. C. P.), Cristóvão Cardoso e António Santos (Bf.).

Comprimento: Guilherme Espírito Santo (Bf.), 10-7-38 e Edgar Tamegão (Ac.), 20-7-41, ambos 6^m,89; António Marques (Ac.), 6^m,85, 19-7-42; Manuel Emilio de Oliveira (Sp.), 6^m,83, 30-7-38; José Alves Carvalhosa (Sp.), 6^m,80, 13-9-31; António Pais Romão (Sp.), 6^m,675; Carlos Santos (Bf.), 6^m,67; Mário Rodrigues Pôrto (Sp.), 6^m,64; Miguel Cunha (S. C. Braga), 6^m,59; Apio Nunes de Almeida (Sp.), 6^m,58.

Tripló: João Vieira (Sp.), 14^m,04, 17-8-41; Guilherme Espírito Santo (Bf.), 14^m,015, 17-7-38; Luís Alcide Garcia (Bf.), 13^m,73, 2-8-42; Acácio Mesqui (F. C. P.), 13^m,43, 1-7-28; Guilherme Vasconcelos (C. I. F.), 13^m,41, 14-7-35; Carlos Oliveira (B. C. Braga), 13^m,37; Renato Espírito Santo (Bf.), 13^m,32; Alberto Lima Marques (Ac.), 13^m,25; Manuel Emilio de Oliveira (Sp.), 13^m,08; José Neto (Bf.), 12^m,975.



O sr. dr. Guilhermino de Matos, atentamente escutado, pronuncia a sua bela oração



O dr. Salazar Carneira profere as suas claras afirmações

O dr. José Pontes no seu brilhante improviso

Mário de Noronha discursando

PARA solenizar a passagem do primeiro aniversário da nova fase da nossa revista, os seus proprietários convidaram para um banquete, que se efectuou no sábado, num dos salões do Avenida Palace, algumas das figuras gradas do desporto nacional e do jornalismo da «espectabilidade» e todos os colaboradores da «Stadium».

O fino espírito de alguns e a velha graça portuguesa animaram o ambiente, sem prejuizo da elevação das afirmações ali feitas pelas várias individualidades que usaram da palavra e, até, da nota sentimental que transcendeu em certas passagens dos discursos do dr. José Pontes e de Avelar Machado, ao evocarem nomes que foram grandes no jornalismo e no desporto, e que vivem hoje apenas na saúde dos que com eles conviveram ou simplesmente os apreciaram.

Presidiu à reunião o nosso querido director, dr. Guilhermino de Matos, ladeado pelos srs. dr. José Pontes, brilhante presidente do Comité Olímpico Português, e Mário de Noronha, vereador illustre da Câmara Municipal de Lisboa. Depois, tomaram lugar os jornalistas Carlos Rebêlo da Silva, do «Diário de Notícias», David Lopes, de «O Século», que representava também o sr. dr. Guilherme Pereira da Rosa, António Sequeira, da «República», os nossos prezados colaboradores dr. Salazar Carneira, Ricardo Ornelas e Tavares da Silva, estes dois últimos chefes das secções desportivas do «Diário Popular» e do «Diário de Lisboa» — Adélino Santos, da Gráfica Santelmo, Amadeu Seabra, nosso querido amigo, José Soares, administrador da «Stadium», Avelar Machado, chefe da redacção, Lança Moreira, Gil Moreira, Carlos Correia, Reinaldo Monteiro, Jorge Monteiro, Diamantino Dias, Mário Santos, Alberto Silva Viana, Aristides de Sousa Marques, José Ervedosa, Luis Carlos Manuel, Fernando Sá, João Dias, J. Casimiro Vinagre, Vasco Santos e Joaquim Nunes Bernardo, os fotografos Manuel Nunes de Almeida, José Manique e Claudino Madeira, etc.

Três dos convidados de honra, os srs. capitães António Cardoso e Afra Nozes e o dr. Ayala Boto, tiveram a gentileza de nos comunicar a sua adesão à nossa festa

NO LIMIAR DE NOVO ANO...

O jantar de confraternização da «STADIUM»,

foi uma bela festa de camaradagem entre jornalistas desportivos

embora lhes fôsse impossível comparecer. E alguns dos nossos colaboradores, como Mário de Oliveira, Rafael Barradas, Alvaro Gaspar e outros, não puderam também estar connosco. Mas todos tiveram sempre o seu lugar reservado na mesa, mostrando que se encontravam presentes no nosso espirito.

Fazer mais e melhor!

— a divisa do nosso director

Ao iniciar a série dos discursos, o sr. dr. Guilhermino de Matos endereçou as suas saudações a todos os presentes, salientando aqueles, estranhos à revista, que, na qualidade de amigos, honravam «Stadium» com a sua comparecência.

Referindo-se aos da casa, a quem, de maneira geral, apreciou pelo esforço que têm despendido em prol do progresso do semanário, distinguiu, muito justamente, Amadeu Seabra, «nervo» desta obra, José Soares, consciencioso administrador, e Avelar Machado, a quem considera a espinha dorsal da «Stadium».

Prosseguindo nas suas considerações, o nosso director lamentou que as dificuldades do meio, avolumadas pelas da hora crucial que o mundo atravessa, não tenham permitido fazer obra ainda mais perfeita. Revê-se, no entanto, com orgulho natural, no trabalho produzido pela revista no primeiro ano da sua fase actual.

«Trilhando sempre caminho honesto, com a consciência de bem cumprir um dever, «Stadium» singra e progride. Sabemos ser amigos de quem nos merece a amizade mas também sabemos responder com a energia e o desassombro devido a quem ousar beliscar o nosso trabalho bem intencionado».

Pela nobre causa do desporto — continuou — procuramos marcar condignamente a nossa posição, e a lealdade, a dedicação e a correcção de todos os que vivem na «Stadium», ou para ela trabalham, faz pensar que se tornará em agradável realidade o desejo que a todos anima de fazer mais e melhor!

Interrompido por uma salva de palmas, o nosso director acabou relembrando os factos mais salientes deste primeiro ano de trabalho. A propósito do interesse do concurso do «Goal da Vitória», que revolucionou o meio e tantos milhares de escudos fez distribuir pelos nossos leitores, o dr. Guilhermino de Matos declarou que o montante dos pequenos

prêmios que não foram reclamados iria reverter, integralmente, a favor da «Casa dos Ardinos», a feliz e louvável iniciativa do «Diário Popular».

Desporto e altruísmo

— o agradecimento de Ricardo Ornelas

O nosso distinto colaborador Ricardo Ornelas, um mestre da profissão, na sua qualidade de componente do corpo redactorial do «Diário Popular», levantou-se seguidamente para agradecer a colaboração material e moral que a nossa revista emprestava a uma das mais nobres iniciativas do seu jornal. Mais uma vez o desporto ia ficar ligado a uma obra humanitária, como era aquela de procurar dar um pouco de conforto e de bem estar aos simpáticos ardinos, que, tal como muito bem dissera o dr. Guilhermino de Matos, devem ser considerados úteis colaboradores, ainda que humildes pela sua categoria, de todos os que estão ligados à actividade jornalística.

A indiferença e a incompreensão do meio

— focadas por Tavares da Silva

Outro apreciado colaborador, o sempre discutido Tavares da Silva das opiniões ousadas mas conscientes, falou a seguir. Disse da sua satisfação em verificar o caminho triunfante que a «Stadium» percorreu já, e, sem desprimor para os restantes orientadores e obreiros deste edifício já sólido, citou o nome de Avelar Machado, seu companheiro e amigo de tantos anos, que, no posto difícil e delicado de chefe da redacção, denunciando conhecimento do «métier» e irradiando simpatia sempre profíqua, fôra, para ele, uma autêntica revelação.

«Com o «savoir faire» de Avelar Machado — vincou — a «Stadium», dispondo de elementos já calejados no jornalismo e de outros, mais jovens e inexperientes mas tão dedicados, afirmou-se como um valor positivo, penhor seguro de que prosseguirá na senda triunfante que já conhece.

«E o facto é mais para enaltecer e para constituir motivo de satisfação por se tratar de uma vitória em meio ingrato e difícil, onde a gente que escreve sobre desporto para os jornais encontra, muitas vezes, obstáculos resultantes da incompreensão e da indiferença de pessoas com responsabilidades.

«Se outras razões não houvesse, estas bastariam para valorizar a acção do jornalismo desportivo, cuja finalidade, de resto, com os seus comentários bem intencionados e as suas críticas honestas, é a de contribuir para a expansão e o progresso de uma cousa nobre, em benefício do revigoramento físico e moral dos povos.

Jornalista, acima de tudo!

— declarou o dr. José Pontes

«A festa da «Stadium» — começou por dizer o illustre presidente do Comité Olímpico Português — atravessou as fronteiras



Ricardo Ornelas no agradecimento do «Diário Popular»



Tavares da Silva na sua saudação

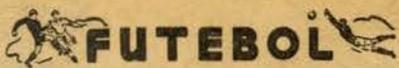


Avelar Machado fala em nome dos redactores da «Stadium»



A mesa de honra rodeada dos convivas

(Continua na página 15)



CAMPEONATO NACIONAL

A 3.ª Jornada pôs em relêvo a preparação física dos «teams»

Comentários por TAVARES DA SILVA

O problema do Campeonato Nacional — pelo rumo que as coisas estão levando — mostra-se cada jornada mais intrincado. Já passaram três dominos, e quanto ao título, está-se pouco mais ou menos como no primeiro dia. Há um lote razoável de clubes com probabilidades de êxito, o que mostra a tendência para o nivelamento de valores em pre-ença — o ideal sob o ponto de vista de competição.

Nem as interdições dos campos de Benlhevai e Santa Cruz conseguiram modificar o aspecto geral do grande torneio. É certo que elas diminuiram sensivelmente os créditos do Vitória (Guimarães) e da Académica, sobretudo d'êste último clube, já habituado ao confronto com as grandes equipas. Como, porém, por outro lado, aumentavam as possibilidades de outros concorrentes — citem-se Atlético e Olhanense — ficou tudo na mesma. O desfavor de uns transformou-se no favor de outros. Certamente, o Atlético e o Olhanense — e isso já se viu no passado domingo — saberão aproveitar o brinde do Natal. Que o facto ao menos sirva como exemplo para as populações clubistas que se esquecem de que os seus desmandos podem directamente recair no próprio clube. Os adeptos tanto querem aos seus clubes — que acabam por lhes fazer mal.

Trata-se, sem dúvida, de um campeonato difficilimo, longo e pesado de sacrificios, sujeito à oscillação da forma dos grupos e a mil e um percalços, desde as interdições dos campos como às suspensões dos jogadores, e ainda à chamada lei das lesões. Por isso todos os cuidados são poucos. Um pequeno nada inutilisa num ápice grandes canceiras e trabalhos. E o que custou a erguer e a criar desmoronase com impressionante facilidade. Não é indifferente jogar em casa, ou na casa do parceiro, na relva ou em terreno calvo, em campo liso ou enlameado, com bom ou mau tempo. Pelo contrário, estes pormenores variam a face das coisas obrigando a mudanças no processo e à adopção de novas fórmulas. Só a boa forma física do jogador poderá adaptar-se a todas as condições e situações que o desenvolvimento do Torneio n.º 1 comporta. E até obriga.

Eis uma questão. A 3.ª jornada foi dolorosa para os jogadores em virtude do estado dos terrenos provocado pelas chuvas. Os campos transformados em grandes lagoas. A bola aumentando de peso por efeito da aderência de uma terceira camada que lhe fica ligada. Tudo isto obrigando a um dispêndio de energias muito maior do que o normal. Dada a ép ca que atravessamos — o futebol é um d'sporto de inverno — pode dar-se como certa a existência de mais jornadas do género da 3.ª. Estão todas as equipas concorrentes em forma física capaz de suportar sem difficuldades de maior semelhantes inconvenientes? — Parece-nos que

Adolfo Mourão volta a jogar

POR informações de origem fidedigna, podemos assegurar aos nossos leitores que, de momento, está decidido que Adolfo Mourão volte a figurar, ainda que não seja em todos os encontros, no «team» principal do Sporting.

A persistência dos directores e de categorisados sócios «leoninos», simultaneamente amigos do popular e estimado jogador, acabaram por vencer a resistência de Mourão. Mais do que tudo, porém deve ter influido para o seu reaparecimento — embora com carácter transitório e curto — a sua dedicação pela colectividade.

Os grupos e os jogadores — Um pouco de tudo

não. E o facto é tanto mais importante quanto se nos afigura certo que o desfecho final resultará em grande parte da capacidade física dos grupos — conjuntos da forma individual dos jogadores.

O sol volta a brilhar no aspecto técnico. Dos cinco desafios tira-se o suficiente para se afirmar que se está a jogar rasoavelmente entre nós, embora com os indispensáveis altos e baixos que caracterizam uma preparação deficiente, pois uma preparação cuidada e completa só poderá fazer-se quando o jogador se der ao jogo como sua única, ou, pelo menos, principal occupação e preocupação. Na 3.ª jornada cumpre destacar a vibrante partida do Campo Grande — tipo puro de competição, e ainda com pormenores de boa técnica. E também não perder de vista o jogo offensivo do Olhanense, a exhibição do Vitória (Setúbal) e a reacção do Salgueiros. Tanto basta como honra para o torneio.

Como o Benfica dominou. A efflência subjugando o jogo-fantasia

O Benfica apresentou-se no Campo Grande handicapado, pela circunstância de ter alterado profundamente o seu bloco defensivo. Para mais, ainda, deu-se à última hora a falta de M. da Costa, o que, a juntar ao afastamento de Jaime, obrigou a um arranjo de acasão na linha da frente.

Pois o Benfica — e como isto valorisa o popular clube! — saiu-se com brilho da prova contra o Belenenses, fazendo uma das suas melhores partidas dos últimos tempos. Refletindo a alegria e a singular vibração da sua massa associativa, o team portou-se muito bem, fazendo o jogo de destruição que se impunha, e completando a acção pelo entendimento de suas unidades à base da velocidade e do esforço físico sem limites. Nestas condições, a equipa esteve senhor da situação durante grande parte do encontro — mandando no terreno — não se perdendo em bonitos, ou passes escusados, mas caminhando para as redes pelo processo mais eficiente, bola um pouco levantada e passagem longa devida, muitas vezes, ao emprêgo do chamado bico, ótimo recurso em tais casos.

E impressionou o método benfiquense, todo utilidade e efflência, exactamente porque no campo contrário, se adoptou um processo muito diverso, o habitual processo belenense, de passe raso ao terreno (à lama, no caso em questão), com as vistosas combinações das asas — passe de interior para o extremo, d'êste para aquêle, e outra vez do interior para o extremo, de lenta progressão no terreno, ordinariamente, de lentíssima progressão no passado domingo dadas as especiais condições do rectângulo.

Esta insistência no passe por parte de Belém, tão bela como espectáculo noutras circunstâncias já devidamente apreciadas, favorece — assim nos parece — o labor do Benfica, podendo os seus homens entrar à bola em multissimos casos nas melhores condições de domínio. Por outro lado, o processo belenense fatigou muitíssimo os seus avançados, já com pouco poder físico, pelo menos, aparentemente, diminuindo-lhe os seus méritos.

No período do começo e no fim, os atacantes de Belém, com um pouco mais de serenidade, poderiam ter arrancado um triunfo que, por sentimento de justiça, era mais justo que reafirmasse no Benfica. Mas isso derivou da visível fraqueza do par de «backs» do Benfica, com uma conjugação de movimentos imperfeita e batendo mal a bola, principalmente César Pereira — em dia em que quasi todos os porme-

nores do jogo lhe saiam desafortunados. Um destes dias em que não se pode sair à rua...

A luta foi bem disputada, e num andamento que podemos considerar muito veloz, atentas as condições do campo. Jogo vivo e ardente, tendo cada um dos grupos a espada em cima da cabeça até o último instante. A tal ponto que, no fim, e muito antes, já alguns jogadores não podiam mexer-se, não tendo forças nas pernas. A êste respeito, convém referir que José Pedro, Franklin e Serafim (os do Benfica suportaram bem melhor as exigências da luta) se mostraram muito inferiores. Não interessa o que fizeram com a bola, interessa dizer que não podiam com o péso da bola.

Em semelhantes condições, não admira que a arbitragem fosse difficil. Num de-afio com choques a todo o instante, escorregando os jogadores e escorregando a bola, o critério do árbitro, neste caso de Carlos Canuto, não pôde ser o de outros dias e diferentes campos. É preciso pôr mais cuidado no julgamento das faltas, deixando o que o desafio se desenvolvesse com rudeza, mas atalhando os males do jogo a tempo. Porque, nestes casos, há choques ou embates que, parecendo infracção, não o são, havendo, pelo contrário, detalhes que, afigurando-se manifestações de jogo, são casos verdadeiros de atropello. Quanto a nós, Carlos Canuto dirigiu bem o encontro, diluindo-se alguns erros no acerto geral das suas decisões.

No Benfica, o interior Teixeira atingiu o primeiro plano em campo. Tanto empenho e vivacidade pôde na luta que chega a impressionar a sua acção. A gente interroga-se: surpresa: Onde é que o rapaz vai buscar tanta energia? Não estamos em presença de um estilista, mas sim de um homem cem por cento útil, necessário nos grupos que, como o Benfica, cultivam o esforço individual, dando margem para a audácia ou para a improvisação. A seu lado, e na mesma ordem de idéias, deve collocar-se o nome de Albino, grande como os grandes — enquanto pôde.

No Belenenses, parece-nos que Salvador foi aquêle que atingiu melhor craveira. Algumas bolas revolvaram-lhe das mãos, é certo. Mas a sua felicíssima collocação supriu essa deficiência — natural, dado o escorregadio da bola. Amaro também se distinguuiu — como em geral succede.

Preparação física. O desafio de Olhão

O team do Olhanense, que se preparava para viver distanciado da sua terra, regressou à base inesperadamente, encontrando já construídos os novos balneários, melhoramento a ter em conta e que marca a boa orientação clubista. E conseguiu a sua primeira vitória, sobre um onze categorisado e por score que alguma coisa diz. Procurêmos, pois, ver a questão.

O Olhanense tem fundo atletico, o que só se consegue com uma cuidada preparação física. Esse pormenor foi visível nas Salésas, e voltamos agora a destacar-se num desafio ganho — talvez devido a êsse factor. Seja como for, o apontamento é importantissimo. Como frismos atrás, as equipas de fundo atletico estão em bem melhores condições que as outras, num torneio que exige bom jogo, é certo, mas antes disso capacidade para a sua realização. Jogando ao vento e à chuva, sobre terrenos enlameados, com bolas que pesam como chumbo, é evidente que a preparação atletica desempenhará um papel de relêvo — atribuindo ou ficando o título.

Em toda a partida de Olhão, a chamada preparação física dos algarvios esteve presente. Já na primeira parte, os de Olhão submeteram os de Coimbra, sobretudo todo o sector defensivo — com um guarda rede (Acácio) brilhantissimo — a um trabalho extenuante. Os defesas, Albino e Mário, dentro das suas possibilidades, multiplicam os seus esforços para não deixarem succumbir o grupo.

Nesta altura, o Olhanense mostrou-se inepto no capitulo do remate — defeito acentuado do futebol português, considerado na sua generalidade — mas não com tantas culpas como aquelas que se lhes atribui, pois a velocidade e a oportunidade das entradas da defesa academica desferiram naturalmente muito lance de ataque.

De sorte que, enquanto essa defesa teve

(Continua na pág. 12)

Alfredo Alinho é até esta altura do «Torneio de Qualificação» em curso o detentor da maior série (22) e da melhor média particular (2,911)

COM interesse crescente por parte dos jogadores e público aficionado, tem prosseguido a disputa do «Torneio de Qualificação», na modalidade «por tabela» no bilhar de «match» (bilhar grande). Em relação a alguns concorrentes, registaram-se séries e médias particulares de certo relevo, a despeito de não haver ainda nenhum deles atingido a média internacional de 2,5 carambolas, correspondente à 1.ª categoria.

Vão a seguir os resultados técnicos das partidas jogadas depois daquelas cujos resultados inserimos no número anterior. Não se mencionam as médias gerais obtidas até esta altura, porque para isso necessário seria operar a completa e assás trabalhosa revisão de todos os resultados feitos — desde o início da prova — e não mereceria a pena, agora. Só as definitivas, portanto, serão dadas após o final do torneio, que está próximo.

Bilhar do Rossio

Série A				
Jogadores	Carambolas do vencido	Médias	Maiores séries	
Moreno-A. Costa	89	0,980	0,862	5 8
Abreu-Figueiredo	45	1,538	0,707	10 8
Moreno-Figueiredo	73	0,892	0,651	8 7

Série B				
Rebocho-Pereira	93	1,754	1,632	6 12
F. Carvalho-Reis	64	1,063	0,680	9 7
Aquino-M. Matos	96	1,724	1,655	12 10
Brito-Aquino	72	1,664	1,270	18 9
Ribeiro-Pereira	93	1,430	1,162	6 8
Rebocho-Mantero	95	1,556	1,500	10 7
F. Carvalho-Ribeiro	75	1,204	0,961	7 5
Mantero-Aquino	88	1,315	1,157	7 8
Brito-F. Carvalho	61	1,785	1,039	12 12
Rebocho-Aquino	80	1,612	1,200	6 10
Rebocho-F. Carvalho	54	1,639	0,885	10 5
Rebocho-Reis	36	1,923	0,692	12 5

«Brasileira»

Série A				
Branquinho-Jardim	56	2,173	1,237	12 4
A. Carvalho-Azancot	48	1,851	0,888	10 9
Bogonha-Moniz	65	1,428	0,928	10 4
Delim-Moniz	78	1,265	0,987	12 5

Série B				
D. Tom. Alm. A. Sarzedas	99	0,950	0,949	8 8
B. Redondo-A. Gomes	77	1,038	0,846	8 4
F. Sarzedas-B. Redondo	89	1,492	1,223	7 6
A. Gomes-A. Sarzedas	65	1,369	0,890	8 5

«Portugália»

Continua em suspenso a partida Jorge Oliveira-Ernesto Silva, a única que falta.

As maiores séries (a partir de 12):
 Alfredo Alinho — 22, 18, 14 e 14.
 Alvaro Carvalho — 20.
 António Abreu — 19.
 Dr. Francisco Branquinho — 18, 15, 15, 13 e 12.
 António de Brito — 18, 13 e 12.
 Cap. Bogonha — 18.
 Dr. Jacome Delim — 16 e 12.
 Americo Torres — 15, 15 e 12.
 S. Azancot e Santos Henriques — 14.
 C. Rebocho, Eduardo Ribeiro, F. Carvalho, Mantero, Luiz Aquino e Mário Pereira — 12.

As melhores médias particulares (a partir de 1,5)

«Portugália»

Alfredo Alinho: 2,911, 2,777, 2,272, 2,272, 1,960 e 1,724.
 Americo Torres: 2,777, 2,416, 2,173 e 2.
 Nelson Pereira: 1,562.

«Brasileira»

Cap. Bogonha: 2,777, 1,602 e 1,548.
 S. Azancot: 2,702, 2,127, 1,923 e 1,818.
 Dr. F. Branquinho: 2,631, 2,325, 2,173, 2,173, 2,173 e 2,173.
 Alvaro Carvalho: 2,554, 2,040, 1,851, 1,850 e 1,594.
 Dr. Jacome Delim: 2,472 e 1,641.
 Fernando Sarzedas: 1,754 e 1,639.
 Cunha e Costa: 1,563.
 Dr. Moniz Pereira: 1,513.

«Bilhar do Rossio»

Carlos Rebocho: 1,922, 1,754, 1,699, 1,612 e 1,562.
 António de Brito: 1,785 e 1,694.
 Luiz Aquino: 1,724 e 1,612.
 F. Carvalho: 1,662.
 Mário Matos: 1,655, 1,562, 1,562 e 1,538.
 Mário Pereira: 1,632.
 Santos Henriques: 1,562.
 Henrique Mantero: 1,520.

A prova final, que se realizará à margem do «Torneio de Qualificação», e para a qual a A. P. A. B. oferece várias medalhas, será dis-

A TAÇA «STADIUM»

VAI SER DISPUTADA POR 18 EQUIPAS

MAIS uma vez a taça «Stadium» vai servir para inaugurar uma temporada oficial de ténis de mesa.

A inscrição encerrou-se já na última semana. E com satisfação podemos verificar que a competição provocou grande interesse. O máximo de equipas concorrentes foi largamente batido. Nada menos de dezoito formações, constituídas pelos melhores jogadores lisboetas, vão empenhar-se na conquista do troféu, que o Benfica guarda na sua sala de taças e que não mais afria de lá, se a vitória lhe pertencesse este ano.

O número de clubes concorrentes é que não foi excedido; mas, também, não foi diminuído. São dez as colectividades inscritas e cinco delas pertencentes à Divisão de Honra da A. T. M. L.: Técnico (seis equipas), Benfica, Sporting, Belenenses (duas, cada), C. Ourique, Monte Pedral, C. E. R. Arroios, Combatentes e Ateneu Comercial (uma, cada).

No momento em que a A. T. M. L. se ocupa dos preparativos da prova, parece-nos interessante recordar o que tem sido esta competição nos cinco anos anteriores.

Eis, portanto, a breves traços a história da «Taça Stadium»:

1938-39. Inscreveram-se sete equipas: Belenenses, Matadouro, Benfica, Sporting, Ateneu Comercial, G. D. E. «Os Combatentes», Técnico e Ferroviário. A temporada dos «celistas» foi a mais brilhante de todos os tempos e a série de êxitos que o A. C. L. registou então teve início na taça «Stadium». A equipa era formada por Abílio Santos, Mário Santos II e José Roovers e levou de vencida todos os adversários que lhe apareceram: Belenenses, Sporting (por duas vezes), Combatentes e Técnico. Os «leões» ficaram em segundo lugar — batidos duas vezes, é claro, pelo vencedor.

1939-40. Excepcionalmente, a prova serviu para encerrar a época. A necessidade de «salvar» o ténis de mesa aconselhou tal resolução. Talvez por isso a inscrição não reiniciu mais de seis equipas: Sporting, Técnico, Combatentes, Ateneu Comercial, Cruzelrense e Ateneu Ferroviário. Os «leões», com cinco vitórias, obtidas sobre o Cruzelrense, Ateneu Comercial (2 vezes) e Técnico (2 vezes), e com a equipa formada por Carlos Feio, Gago da Silva e Mário Barata, inscreveram pela primeira vez o seu nome no troféu.

A natação no inverno

DA direcção do Sport Algés e Dafundo recebemos a seguinte carta, cuja publicação fazemos na íntegra e com o maior prazer:

Sr. director — Tendo chegado ao nosso conhecimento, através das colunas da vossa revista, a sugestão que na «Stadium» se fez de os nadadores serem treinados no inverno, vimos comunicar a V. que o Sport Algés e Dafundo, que possui, na sua sede, uma piscina de água aquecida, a tem pôsto, sempre, ao dispor de todos os clubes, para treinos dos seus representantes, em condições que acarretam aquêles clubes um encargo mínimo. Seguindo a orientação dos anos anteriores, esta direcção tem o maior prazer em facilitar os treinos de atletas dos clubes que se nos dirijam, para efeito de serem combinados dias e horas para os mesmos treinos. Sem outro assunto, de V., etc. — Pela direcção, Augusto Campos de Matos, 1.º secretario.

Registamos com satisfação a atitude do popular Algés e Dafundo — aliás consentânea com as brilhantes tradições desportivas do valioso clube.

putada pelos dois primeiros concorrentes apurados naquele torneio para cada categoria, em cada série, sendo tiradas à sorte as salas onde deverão efectuar-se os encontros. «A Portugália» oferece também uma taça para o jogador que no «Torneio de Qualificação» obtiver a melhor média geral.

1940-41. O número de concorrentes aumentou. Desta vez foram nove: Sporting, Matadouro, Campo de Ourique, Picheleira (com duas equipas) Liberdade, Técnico, Combatentes e Ferroviário.

Os «leões», com a mesma equipa do ano anterior, lograram segunda vitória, depois de terem batido o Matadouro (duas vezes), C. Ourique (duas vezes) Liberdade e Ferroviário. O Matadouro foi segundo e veio a «morrer» às mãos do Sporting.

1941-42. Mais um concorrente — dez: Benfica, Matadouro, Técnico, Combatentes, Internacional, Ateneu Comercial, Sporting Clube da Penha, Ateneu Ferroviário, C. E. Arroios e C. Estefânia. Faltou o Sporting, como se vê. E os «leões» perderam assim as probabilidades de guardar para sempre o troféu. A superioridade dos «encarnados» veio então a lume. O Benfica inscreveu Oliveira Ramos, Joaquim Cardoso, Correia de Lacerda e Júlio Costa e... ganhou a taça.

1942-43. O número de concorrentes aumentou mais uma vez. Uma dúzia de equipas, mas só oito clubes: D. C. Arroios, Sporting, Belenenses e Picheleira (cada um com duas equipas), C. E. R. Arroios, Benfica, Estefânia e Monte Pedral. Os «encarnados», para não ficarem atrás dos eternos rivais, alcançaram segunda vitória consecutiva, deixando o D. C. Arroios em segundo lugar. Equipa vencedora: Júlio Costa, O. Ramos, Correia de Lacerda e Francisco Campas.

GAZETILHA

LEGENDAS...

Nas folhas da minha agenda descobri esta legenda: — Trinta dias tem o mês e sete a semana tem... Eu vou escrever também legendas — por esta vez!

Na semana que findou muita «coisa» se passou nas esféras desportivas. Mas eu só registei aqui aquilo (pouco!) que vi e deixa as «massas» calvas...

Isto de «massas» são gentes que passam inclementes a vida a gozar com tudo! Nem consigo perceber que p'ra uns seja praser e p'ra outros... um «canudo»!

Vem tudo isto a propósito (nem sequer faço... depósito!) de certas... «excomunhões»!!! Houve uma Federação que p'ra pôr termo à questão decretou... «extradições»!

Durante um mês não se jogou desporto já muito em voga em duas cidades nobres... Santa Cruz e Bemfeval (a todos a «sories» sai...) não cobram, agora, «cobres»!!!

Que tal sirva de lição porque uma «extradição» não é bem a reprimenda... Gostei, sim, do gesto airoso que teve o «senhor» pomposo lá da rua da Emenda!

Mas se a «coisa» pegar sempre é bom aconselhar mais cautela p'ra futuro! Não faz nada bom «cabelo» e eu todo me arrependo pois já vejo tudo... «escuro»!!!

NA 3ª JORNADA...
Atletico CONTINUA ISOLADO à CABEÇA!



BENFICA-BELENENSES — A defesa benfiquense estava batida. Eloi rematou e Martins, com extrema dificuldade, consegue desviar a bola para "canto". Mário Coelho em corrida, não captou o esférico



(Fotos Nunes d'Almeida)

BENFICA-BELENENSES — A defesa dos "en-carnados" bate-se com energia. Guia Costa põe termo a uma situação perigosa



ATLÉTICO-VITÓRIA (G.) — Com o seu «keeper» batido, um defesa de Guimarães evita, de cabeça, um «goal» certo — apesar de tudo...

ATLÉTICO-VITÓRIA (G.) Machado, «keeper» vimarense, sai para interceptar o remate de cabeça de um avançado lisboeta



BENFICA-BELENENSES — A beleza de certas fases de futebol: observe-se as atitudes de Feliciano e Brito e a posição de Simões e Teixeira



ATLÉTICO-VITÓRIA (G.) — Armando Jorge bloca a bola em mergulho



BENFICA-BELENENSES — Serafim e Feliciano não conseguem impedir um remate de Rogério

Porcínio Certã

guarda-redes da Sanjoanense

fala-nos do último jogo do seu clube com o Sporting de Espinho

PORCÍNIO Certã é um jogador de futebol ainda bastante novo e de nome pouco vulgarizado. Mas é um bom «keeper», que merecia ser aproveitado para mais amplos «vôos»...

É guarda-redes do «team» da Sanjoanense — o clube de S. João da Madeira que, na última época, depois de haver derrotado, nas «poules» de apuramento, o Sporting da Covilhã, o União de Coimbra e o Sporting de Braga, disputou com o Barcelense, no estádio do Lumiar, a final do campeonato nacional da II Divisão. Não se trata, pois, de um desconhecido...

Jogou no Ramaldense primeiramente, antes de ingressar no clube de S. João da Madeira. E encontra-se na disposição de mudar de novo de camisola, em vista do que lhe sucedeu ultimamente: é que, apesar de ter sido um ídolo da terra cujo nome futebolístico defendeu sempre com apuro e gallardia (Porcínio mora em Lisboa... e jogava pela Sanjoanense!) sofreu tais dissabores — isto de perder custa um bocadinho, quando não se podem dominar os nervos... — que não lhe apetece voltar! E é pena, porque, em tal caso, o clube de S. João da Madeira perde um bom elemento.

Mas éle próprio vai contar como «aquilo» foi: — Há dias de verdadeiras azar, em que ninguém devia ir a um campo de futebol. Eu falo, claro, por mim! Sinto-o assim, porque tenho a consciência do que digo e do que fiz. Qual o jogador que não teve já, na sua carreira, uma tarde de má sorte?! Se algum houver, pode considerar-se fenómeno... Jogava-se um desafio de responsabilidade (todos o são, a meu vêr, desde que está em disputa um prémio qualquer!) e eram adversários o meu clube e o Sporting de Espinho. O que triunfasse ganharia o campeonato! Por isso — e era naturalíssimo — o «ambiente» de que o jogo se rodeou. Ora como no ano passado perdêsemos o título, por diferença do «goal-average», era legítima a aspiração dos sanjoanenses de ganharem êste ano. Todos o sabíamos, desde os jogadores ao público; mas nem sempre as coisas correm à medida dos nossos desejos...

«Sucedeu que o meu clube, apesar de os colegas jogarem com todo o seu entusiasmo, perdeu por 2-4. Logo: perdemos o campeonato! Mas isso era o menos... O pior é que atiraram as culpas todas para cima de mim! Que me «vendêra» ao Sporting de Espinho, afirmaram; e é isso que mais me custa, porque entendo que ninguém de boa fé devia, «sequer, pensar em tal. Tudo — menos isso! Não acreditaram que eu tivesse tido azar (quem o não tem, uma vez, ao menos, na vida?) nem que, por qualquer circunstância inexplicável, os nervos acusassem desequilíbrio momentâneo. Enfim...

«Aquilo foi o demónio! Nem por morte de homem ou crime de casa queimada — como usa dizer-se — ceito que me trata-sem como me trataram! É que eu sou desportista (jogava pela Sanjoanense porque tenho lá amigos e sou visitante de uma casa de S. João da Madeira) e não creio que essas coisas sejam admissíveis naqueles que como tal se intitulam! Não tive sorte no jogo — eis tudo; e ninguém é culpado por não ter sorte, não acha?!

— E agora?

— Agora... Nem sei que lhe diga — nem sei o que faça! Estou muito aborrecido com tudo quanto me sucedeu. Tenho imensa pena de deixar a Sanjoanense; mas, em consciência, entendo que não devo voltar... Talvez nem me aceitassem! Sou desportista e vivo para o futebol (o único desporto que pratico) mas nunca do futebol... Já recebi propostas de dois clubes de Lisboa e treinei por um deles. Talvez me decida a ficar por aqui...

JORGE MONTEIRO

Stadium

na Capital do Norte

Críticas & Críticos

A missão de que se incumbu um jornalista, quando comenta ou aprecia determinado facto, é das mais ingratas — se não das mais espinhosas.

Algumas vezes, iludido por falsas informações, ou pela visão errada dos acontecimentos, julga estar no caminho da verdade — mas está é de expressão diferente.

Quando se critica julga-se estar dentro da matéria, embora em certos casos fazendo fé nos testemunhos que são feitos por maus informadores — quantas vezes com parcialismos doentios — e que levam a erros involuntários, a comentários menos exactos.

Assim sucede que, por interesse de terceiros, cujas faltas há vontade de esconder, o jornalista é levado a enveredar por caminho falso, que só pode reconhecer mais tarde, quando se lhe depára a verdade.

É cheio de «precipícios» o trabalho do jornalista. Deparam-se-lhe sob os seus pés, a cada passo, forçando-o a marcha cautelosa, prudente, a fim de não servir facções.

Quem o não fizer, quem não dispuser de equilíbrio bastante para poder percorrer a sua carreira de cabeça erguida, está sujeito a comprometer a sua categoria, a sua imparcialidade, a maior parte das vezes por culpas de outrém...

Toda a gente julga ser fácil criticar; mas nós, com a experiência que a profissão nos dá, não acreditamos nisso. Reputamos cada vez mais difícil ser crítico numa terra em que eles brotam de todos os cantos, derivando de uns assuntos para os outros — mas sem perceberem nada... de nada!

Que nos acreditemos inumes? Não! A infabilidade pode ser um dogma, mas não uma realidade.

Como homens, estamos sujeitos a errar. Acautelamo-nos, somente. Guardamo-nos, defendemo-nos, tentamos não ser iludidos pela «verdade camuflada».

E esta providência que todos precisam ter, para evitar desgostos.

Notas sem valor...

O «velhinho» Clube Fluvial Portuense, com mais de meio século de existência — 67 anos — comemorou a data da sua fundação com uma sessão solene presidida pelo representante da Câmara Municipal do Pôrto: António Seixas Júnior, antigo atleta do Leixões Sport Club. Distribuiu taças e medalhas aos seus representantes e aos clubes congêneres, com prémios das provas organizadas na época de remo.

Foi um acontecimento desportivo, de vivo interesse na «família» fluvialista, a passagem do aniversário do seu «querido» Fluvial. Têm razão para isso. O Fluvial portuense, orgulho dos desportistas da nossa terra, tem obra ampla, conquistada pelo esforço de todos os seus elementos. «Stadium» aponta o facto — com muito apreço pelo Clube Fluvial Portuense.

— O Vila Real, expoente máximo do futebol transmontano, tem o seu nome ligado ao campeonato nacional da 2.^a Divisão, pela sua longa permanência no torneio. Na confecção das séries o campeão de Vila Real encontrou forte resistência dos clubes da Associação do Pôrto: não tinha bom ambiente desportivo...

— Augusto, ex-extremo-direito da turma do Futebol Clube do Pôrto, ainda não jogou na equipa do Salgueiros. Um «deslize» de um mentor deste clube, que não entregou o aviso para alinhar contra o Benfica, obrigou a modificar a linha do grup...

— A transferência de Castro para Famação é «blague». Já alinhou, particularmente em Barcelos, pelo Académico, no seu «habitual» lugar: avançado. O «jogo» foi rápida,

O atletismo portuense

Notícias animadoras...

PARECE — segundo informações ainda pouco seguras... — que o caso do atletismo portuense vai ser resolvido nos princípios do mês corrente. Pelo menos, a última comissão administrativa da A. P. A. pensa dar conta da sua missão ao sr. delegado da Direcção Geral dos Desportos, e diz-se que logo a seguir teremos uma importante reunião de todos os clubes que praticam o atletismo no norte.

Se assim fôr, irmãos ainda a tempo de se fazer alguma coisa de proveitoso, tanto mais que os próprios clubes se mostram, desde já, interessados em trabalhar.

Ainda segundo consta, os «crossmen» do F. C. do Pôrto entraram já no período de preparação — e os do Salgueiros devem começar a fazer o mesmo dentro de dias.

Ora perante tal actividade das nossas equipas seria bom que a A. P. A. não continuasse a oferecer maus exemplos... e trabalhasse também!

Confiamos nos bons propósitos da meia-dúzia de amigos que o atletismo ainda conta na nossa terra. Os maus dias da modalidade vão passar — finalmente!

Um alvitre:

Como a equipa de futebol do F. C. do Pôrto vai fazer todos os jogos do campeonato nacional no campo do Lima, seria interessante que o atletismo se aproveitasse dessa circunstância para a sua propaganda. E desta maneira: durante os meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro, fazer chegadas de provas de «cross» com duas ou três voltas ao Lima, no decorrer dos jogos; em Março, Abril e Maio, fazer também disputar provas de pista antes, no intervalo e depois dos mesmos jogos.

Assim davam-se a conhecer ao público as belezas do atletismo e os nomes dos «ases»; e como em Maio a época de futebol termina, dêsse mesmo público saíria, por certo, uma boa percentagem de desportistas que seriam atraídos, nos meses seguintes, pela salutar modalidade.

É preciso que o atletismo portuense não deixe fugir esta optima oportunidade de fazer a sua propaganda. Mas para tal é preciso que a A. P. A. tenha dirigentes...

Na devida altura, apontámos o erro de se consentir que o atleta salgueirista Bernardo da Silva — uma das revelações da última época — subisse tão rapidamente de «discipulante» a «senior».

Agora, é a opinião autorizadíssima do mestre — o dr. Salazar Carreira — que nos vem dar razão num dos seus últimos artigos, e provar, de maneira inofensível, que o atleta foi mal orientado...

E lamentamos que isso tenha sucedido, porque o rapaz tem certo valor.

Os clubes esquecem, muitas vezes, a carreira do atleta para se preocuparem demasiadamente com a conquista dos campeonatos!...

E é tudo, por esta semana. Verêmos se na próxima será possível oferecer notícias ainda mais animadoras...

EDUARDO SOARES

mente descoberto, com a intervenção de um «fanático» do clube do Lima.

— Vem já a caminho, com destino ao Futebol Clube do Pôrto, um jogador de Luanda, para ocupar uma vaga da equipa de honra. Características do novo recruta: é um «rapaz» muito habilidoso, com boa construção atlética e bem «mexido»... Será submetido a um treino «forçado», para melhor juízo dos técnicos do F. C. do Pôrto.

(Conclui na pág. 12)

«STADIUM» CUSTA QUINZE TOSTÕES
E VENDE-SE EM TÔDA A PARTE

fôlego, os avançados algarvios tiveram dificuldades em meter o pé à bola nas condições em que o goal é infalível. Esses atacantes encontraram sempre o corpo do adversário, ou sentiram o ruído da sua corrida, o que às vezes é suficiente. Quando, estenuados, e, portanto, mais manejáveis os referidos defesas o Olhanense fez o resultado — vingando-se então cruelmente de não o ter feito há mais tempo.

O Olhanense deu ao jogo feição acentuada de ataque devido à acção do seu médio centro, Grazina, que, no seu ambiente e dentro da sua maneira generosa, pode-se classificar como elemento de valia. Os números, no entanto, não reflectem a maneira por vezes equilibrada como o desfecho decorreu, ou então o espírito cerrado de luta que caracterizou o encontro do campo Padinha. A Académica, com um ataque vivo e ainda com o fulgor da mocidade, realizou várias avançadas de boa combinação e fibra, colocando assim em dificuldades o adversário, numa ou noutra emergência.

Acção foi grande figur. Mas não deve igualmente esquecer-se a subtilidade e a intuição de Lemos, e o bom trabalho de Conceição. No Olhanense, Moreira destacou-se com o grande elemento, para o que contribuiu o fino labor do meia-ponta do seu lado, Joaquim Paulo.

Sporting no 1.º tempo. A recuperação do Vitória

Isso era antigamente. Agora, todos os desafios são difíceis. E mais ainda quando o clube que domina (Sporting) não sabe tirar o devido proveito da sua superioridade, como, aliás, sucedeu na primeira parte do encontro. Porque é certo e sabido que, nessas circunstâncias, o adversário começa a compreender que as coisas não são tão feias como lhe próprio as pintava, e por via disso torna-se mais forte e mais audacioso, passando a lutar de igual para igual. O fenómeno nem sequer vale pela sua raridade.

O Sporting começou bem — tecnicamente. Livrando-se o mais possível das dificuldades do terreno — o campo que se encontrava no passado domingo em piores condições — e chegando às rédes contrárias com facilidade e precisão. Por efeito da superioridade sportinguista, o *team* setubalense e cerrou fileiras, por assim dizer, dando-se abnequamente ao trabalho de destruição, mais tarde facilitado pela passagem leonina para o jogo de passe curto, com toda a sua corte de inconvenientes e demoras.

Passado o primeiro tempo, o Vitória ergueu a cabeça, e abalançou-se então com brilho e método, à prática do jogo de ataque, dando a necessária pausa de repouso à sua linha defensiva, com um jogador em plano de relvô (Montês). Nessa altura, o orientador da equipa foi o meia-ponta, Rendas, que deu o devido seguimento a todo o jogo buscado ou encontrado.

É evidente que, pese à acção e aos esforços setubalenses a 2.ª parte não foi precisamente o que se pode dizer o reverso da medalha pois o Sporting, aceitando o jogo do adversário deu a necessária réplica, não se deixando dominar como acontecera ao Vitória na primeira parte. Em todo o caso, esta atitude do *team*

LUTA GRECO-ROMANA

(Conclusão da pág. 3)

ver um torneio (género das taças «Dr. César de Melo» e «Pedro Del-Negro») pondo em disputa três trofeus; chamir-se-lhe-á prova «Vasco Ribeiro», de homenagem ao presidente do Ateneu e ex-presidente da Federação. O Gimnásio voltará à actividade; o Lisboa Gimnásio e o Desportivo dos Tabacos entram também; e aguardamos ainda a vinda do Intendente, um novo praticante, e, talvez, do Alto do Pina.

«Mas não ficaremos por aqui! É preciso, igualmente, fomentar o gosto pelo desporto dos pés e alterar, modalidade que «ai!» no marasma, inexplicavelmente. Pensamos fazer uma prova da especialidade — enquanto a Federação não se reorganiza e não se criam associações».

setubalense merece o maior dos destaques, revelando ainda a preparação física indispensável para um torneio como o «Nacional». Pormenor tanto mais a acentuar quanto e certo que o terreno exigia pesados sacrifícios e não foi o Sporting aquêle que acusou menos estragos. Pelo contrário, o crescer setubalense da 2.ª parte e a visível morosidade do lance sportinguista algum coisa demonstram.

Foi afinal a falta de atenção do guarda-rêdes de Setúbal (Trindade) que deu o triunfo ao Sporting, proveniente de um longo pontapé de Barroca, o *back* que regressa às lides após forçado e injustificado afastamento. O *keeper* deve pôr na sua tarefa, em todos os momentos, o maior dos cuidados, lembrando-se que os deslizes dos outros jogadores poderão resgatar-se, mas o mesmo não sucederá com os dêle. Por acaso, os pontos de Setúbal também foram devidos a más intervenções do guarda-rêde n.º 1, havendo portanto certa compensação no caso. A bola, pesada e molhada, também escorregadiça, é um dos grandes inimigos do guarda-rêde.

Tôlas as culpas para o Atlético. Um médio-eixo em 2.º avançado-centro

Sabemos que a qualidade do jogo do adversário influi num *team*. Mesmo entrando em linha de conta com isso, e ainda com as condições do terreno, queremos significar que o Atlético não nos deixou boa impressão — e tínhamos dêle a boa impressão do desafio contra o Sporting no torneio lisboense.

Trata-se, é certo, de uma equipa que não se poderá dizer fadada para jogar em terreno de lama. Embora enérgicos e valentes, os jogadores do Atlético não são estampas atléticas. Todavia, tendo diante de si uma equipa que se deixava manejar, era lícito exigir-se bem mais de um *team* que, seja pelo que seja, ocupa o honroso posto do n.º 1.

Os melhores momentos dados pela equipa consistiram na expressão do futebol rectilíneo que uma ou outra vez vimos — o passe rasteiro, em perpendicular, dos médios ou dos interiores para os outros avançados, sem que ninguém, do bando contrário, tocasse na bola.

De resto, excluindo mesmo êsse tipo de jogo, aliás, do nosso agrado, a linha avançada do Atlético jogou, praticamente, toda a primeira parte na *área perigosa* do Vitória (Guimarães), revelando uma insuficiência de remate e tão fraco período muscular que chegou a haver a impressão de que, fosse como fosse, com as rédes desertas, ou com todas as unidades adversárias batidas o *team* não seria capaz de fazer um *goal* ou *goals*.

No 2.º tempo, o de-nível não foi tão acentuado, mas as características do encontro mantiveram-se mais ou menos. Os de Guimarães, defendendo-se com certa galhardia e os lisboetas atacando aos baldões, numa toada confusa e desagradável — sempre pelo centro do terreno, embora esta parte do campo estivesse cheia de jogadores.

Aqui é que resi le o mas. Parece que estava indicado que a linha medular abrisse o jogo, passando, por exemplo, aos extremos (o concurso de Pratas, pelo menos, impunha-s.), de maneira a obrigar o Vitória a descongestionar a parcela de rectângulo em frente das rédes, abrindo, por êste processo, as brechas de perfuração. Pois Gregório, o médio-centro, fez precisamente o contrário! Na ânsia de tudo fazer, e acabando por não fazer nada, cerrou mais as fileiras, adiando-se tanto que algumas vezes conseguiu estorvar a acção do avançado-centro e dos outros. Chegou a haver aspectos pitorescos — os próprios jogadores do Atlético a defenderem os remates do Atlético...

O Vitória (Guimarães) não parece ter progredido, relativamente à época passada, e o conjunto é o mesmo, com o acréscimo de um novo extremo esquerdo. É possível que o *team* não esteja suficientemente jogado (pouco mais conseguirá!), mas nem sequer conseguimos dar conta daquêle fio de ligação, nítido no ano passado, que pressupunha uma técnica e conhecimentos do Jogo. Em todo o encontro, um

TERMINADOS que foram os campeonatos das várias associações de futebol do país, logo a Federação Portuguesa de Futebol deu começo ao Campeonato Nacional da II Divisão. E temos, agora, oitenta clubes empenhados na conquista dêsse honroso título, deslocando-se domingo a domingo, durante cerca de cinco meses, numa movimentação que serve maravilhosamente a propagação da modalidade.

Na primeira jornada efectuaram-se 27 encontros, marcando-se mais de 100 goals. Vinte e sete localidades tiveram entre muros desafios de futebol. Tanta basta para se avaliar a importância dêsse torneio.

E porque o espaço não abunda, analisemos de relance o que nos deram os jogos do último domingo.

GRUPO A

Verificaram-se os seguintes resultados:

Sporting de Fafe-Gil Vicente	4-4
Sporting de Braga-S. C. Vila Real	1-1
Vizela-Vianense	2-0
C. D. Aves-Rio Ave	3-1
Leça-Vilanovaense	1-0
Coimbrões-Candall	4-1
Académico-Ramalense	0-0
F. C. Avintes-Leixões	1-0
Sporting Cruz-União Paredes	4-1
Boavista-Infesta	5-4
F. C. Gaia-F. C. Valadares	4-1

Há, portanto, a anotar a coincidência de entre os clubes do Minho se terem registado três empates, o que deixa as seis equipas em absoluta igualdade. O Vianense e o Vila Real, que têm estado isolados, não lograram evidenciá-lo, o que, aliás, é compreensível.

Dos melhores do Pôrto, foi o Académico quem melhor correspondeu às suas responsabilidades. O Leixões também se impôs. Mas o Leça e o Boavista estiveram em dificuldades, o que é mais de estranhar pelo que respeita ao clube do Bessa que tinha adversário menos forte do que o Leça. Nos restantes desafios, a vantagem dos vencedores foi nítida de mais para que se possa pôr em dúvida o mérito da vitória.

GRUPO B

Resultados:

S. C. Beira Mar-Espinho	1-3
Saiojansense-Ovarense	8-0
Oliveirense-União Lamas	0-4
Naval-União de Coimbra	1-0
Bodiosenses-Académico de Viana	3-5
Lusitânia-Anadia	3-0
Alentejo-Launificios	1-5

Foi neste grupo que se registou o resultado mais volumoso da «ronda» — os 8-0 do Saiojansense. O Beira Mar, em sua casa, não conseguiu desfeitar o campeão e o União de Lamas entrou na prova com o pé direito, vencendo nitidamente uma equipa que no «regional» se classificara à frente.

Os figueirenses ganharam pela primeira vez, nesta época, aos «unionistas» de Coimbra. Triunfo precioso. E o Lusitânia continua a mostrar-se adversário perigoso. O Alentejo não venceu ainda a crise dos últimos tempos.

GRUPO C

Anotaram-se os seguintes resultados:

União Operária-Ferrovários	1-2
Averca-Alcanenense	1-0
Alcobaca-Inventada	2-2
C. F. Benfica-Unidos (Lisboa)	3-5
Torreense-Fósforos	1-1
Marvilense-S. L. Oliveira	3-1
Arrentela-Barreirense	1-3
Casa Pia A. C. Operário	1-3
Estoril-Onze Unidos	6-0

Aparte o resultado feito pelos campeões da II Divisão da A. F. L., todos os outros são de molde a reflectir certo equilíbrio de forças. Saliente-se a réplica dos benfiquenses em frente do Unidos, que descansou no segundo tempo do desafio.

Os torrenses bateram o pé aos Fósforos, deixando adivinhar oposição à base de entusiasmo. O Casa Pia voltou a ser vítima da ineficácia dos seus avançados. E mais nada de extraordinário nos ofereceu a primeira jornada do Nacional da II Divisão. — ZÉ DO PÉAO.

raio de luz: o *goal* de Miguel, talvez o jogador de maiores qualidades no grupo.

Os cinco *goals* foram marcados já dentro do quarto de hora do fim. Não se conclua daqui erradamente. Todas as culpas devem atribuir-se ao Atlético.

Rivalidade que influi no jogo. O Salgueiros em frente do Pôrto.

O Salgueiros realizou a sua melhor intervenção no Campeonato Nacional. E o facto disso se ter passado com o Futebol Clube do Pôrto torna o caso interessantíssimo.

É que há equipas que, por uma força tradicional e estranha, estão muito mais à vontade a jogar contra uma certa equipa do que contra as outras. Expressivamente, o nosso camarada Mário Afonso, na ligação telefónica e habitual de domingo à noite, exprime o caso nos seguintes dizeres: *Quando joga contra o F. C. P., o Salgueiros parece outro. Vale muito mais. Quasi não se acreditava que estivesse no*

(Conclui na pág. 14)

Campeonato NACIONAL de FUTEBOL



Lourenço em dificuldade...



A disputa da bola entre Lourenço e Vinha, na grande área do Salgueiros



Araújo remata num aparatoso salto — sem êxito



A energia do "keeper" do Salgueiros numa das suas muitas defesas



Outra defesa do guarda-redes "encarnado" para evitar um remate de Lourenço



1 — A gentil desportista D. Margarida de Salazar Carreira consorciou-se há dias com o dr. Fernando da Silva e Almeida. Os noivos, a quem desejamos as maiores felicidades, "posam" para a nossa revista; 2 — Os nossos estimados camaradas da delegação de "Stadium" festejam o aniversário da revista num almoço de confraternização; 3 e 4 — As equipas da S. Alunos de Apolo, S. L. Benfica, I. S. Técnico e Combatentes fotografados nos últimos encontros de ténis de mesa.

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



BENI LEVY

não foi feliz na sua última exibição em terras de Espanha

BENI LEVY voltou a combater em Barcelona. É já do domínio público que o campeão português, como das vezes anteriores, voltou a perder, ainda que desta feita a sua tarefa se apresentasse mais fácil, visto o adversário — o «leve» Micó — não ter ainda a categoria de um Peiró ou de um Ferrer.

O público encheu literalmente o «Price», de tal modo que muita gente ficou sem lugar, e deve ter saído desiludido — a avaliar pelo que diz o redactor da «Marca», Subirán.

Vale a pena transcrever:

Reportando-nos fielmente ao que vimos fazer aos dois pugilistas, o combate foi totalmente favorável ao português. Micó deu-nos a sensação de actuar muito recioso ou francamente batido, pois, d'ide o segundo assalto, remeteu-se à defesa, empregando-se muito timidamente na ofensiva. De vez em quando colocou algumas boas séries da esquerda, todavia completamente ineficazes.

«A partir do quinto assalto, actuou com a frente aberta, mas isso não o impediu de dominar inteiramente o adversário. A única culpa que pode atribuir-se a Beni é a da sua extrema imprecisão. Socou muito, mas sem saber onde, e isto foi, sem dúvida, o que mais influiu nos juizes, para concederem a vitória a Micó.

E mais adiante:

Portanto, pode assegurar-se, sem o mais leve receio de equívoco, que o catalão não ganhou o combate e que o melhor a que podia aspirar era a um «nulor», pois se nos enjuncemos fielmente ao desenrolar da luta o desfecho lógico seria ambos perderem o combate.

Como se vê, Beni Levy perdeu a melhor ocasião de alcançar a primeira vitória em terras de Espanha.

Vejam os agora como decorreu o combate.

1.º assalto: Micó emprega directos da esquerda, que o adversário procura «parar»; depois os dois contendores jogam largo e, no final, Beni lança novo ataque, habilmente frustrado por Micó. Assalto nulo.

2.º assalto: De entrada Beni ataca com ímpeto, mas Micó «cobre-se» com serenidade. Seguidamente o espanhol ataca com a esquerda, numa série ao ro-to de Levy, que a acusa; Micó continua a evidenciar mobilidade e inteligência e nos últimos segundos faz-se aplaudir,

A FINALIDADE SOCIAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA

(Conclusão da pág. 2)

dos meios tradicionais da locomoção humana — as marchas a pé e a cavalo que durante milénios foram o modo, quasi exclusivo, da comunicação entre os povos.

Não é assim de estranhar que, gravitando a vida física dos nossos tempos em tão precárias condições higiénicas, o problema da saúde surja como o pilar máximo em que tem de assentar a reconstrução do homem. O equilíbrio fisiológico terá de se alcançar, antes de tudo, através dos movimentos activos do corpo e das práticas higiénicas em contacto frequente com o ar, o sol e a água.

A gymnástica, os desportos, os trabalhos manuais, o campismo, são, entre outros, os meios físicos de que o homem terá de se servir para fortalecer os seus musculos, pouco utilizados pelo trabalho sedentário, e para retemperar os seus nervos muito experimentados pela grande agitação e extrema rapidez em que decorre a vida actual.

A educação física que sistematiza de forma racional todas as modalidades do exercício físico, é, assim, chamada a desempenhar papel de grande relevo na melhoria das condições de vida do Mundo civilizado.

Ha que encarar-la, sobretudo, nesta sua finalidade social

ALBERTO SILVA VIANA

graças a uma «esquerda» logo seguida de uma «direita». Assalto de Micó.

3.º assalto: Beni volta a sair com decisão e leva o adversário às cordas, atingindo-o com dois bons golpes. Micó recolhe-se à defesa. Assalto de Beni.

4.º assalto: Como nos anteriores «rounds», os primeiros momentos são favoráveis ao português. Micó utiliza mais uma vez a «esquerda» sem que consiga abalar o adversário, que, por sua vez, tenta colocar a «direita», mas Micó não se descobre. Assalto de Beni.

5.º assalto: Levy procura desnortear o adversário, que replica com boas «esquerdas». Micó surpreende pela valentia e Beni começa a sangrar do nariz. Para o final do «round» a reacção do espanhol é digna de ver-se e o português mostra-se abalado. Assalto de Micó, que é vivamente aplaudido.

6.º assalto: Micó entra a atacar com a esquerda e os seus golpes precisos e rápidos desconcertam Beni, que, entrando com a cabeça, ouve protestos. A insistência do espanhol enerva o português; começam a falhar com frequência os seus impetuosos ataques. Assalto de Micó.

7.º assalto: Beni ataca com decisão, mas, nervoso, comete irregularidades. E as manifestações de desgasto repetem-se. Mico responde e tem iniciativas de valor, enquanto o adversário, incerto, regista vários falhanços. No final, boa troca de golpes; Beni, com uma potente «direita», leva o espanhol às cordas, no momento em que termina o «round». Assalto nulo.

8.º assalto: Sai Beni, m s o ataque perde se por nova entrada de cabeça. Micó defende-se excelentemente, anulando a direita de Levy. Réplica valorosa do espanhol, que se mostra muito combativo, passando a ter vantagem e fazendo com que Beni sangre mais abundantemente.

Campeonato Nacional de futebol

(Conclusão da pág. 11)

Lima o mesmo grupo que jogou contra o Benfica!

E' assim mesmo. O Salgueiros, animado pela rivalidade que mantém com o campeão, e costumado ao ambiente, conseguiu praticar um fut bol de conjunto, vivo, enérgico e com certa ligação. Daí, equilíbrio, jogo repartido pelas duas metades da relva do Lima.

Porque não pode dizer-se que o Pôrto tenha jogado mal, e i so ainda faz brilhar um pouco mais o seu «versário. Pelo contrário, o grupo «portista» regressou à fórmula do jogo rasteiro — temporária ou definitivamente! — construindo alguns lances de bom desenho, obra de pés que sabem tocar na bola. Até com vários golpes bem vistos: lançamentos dos extremos em profundidade, pondo imediatamente fora do raio de acção da luta os médios contrários, algumas vezes os próprios defesas.

O Pôrto insiste no seu novo guarda-rêdes, Barrigana. E a verdade é que o rapaz já se portou com mais segurança, influndo a sua actuação sensivelmente no nível de jogo fornecido por todo o bloco defensivo. E' verdade que o goal do Salgueiros resultou de um seu deslize, mas do seu único deslize — lavado, alás, nalgumas intervenções de boa visão. Estando Camilo, magoado, o lugar de back direito foi occupado por Francisco, elemento das reservas, que integralmente cumpriu a sua missão.

De resto, a linha medular do F. C. do Pôrto subiu de tom, tendo-se mantido o esforço de Anjos, devido ao melhor comportamento de Maia — um dos problemas que, todavia, não deixa de afligir o treinador. Na frente distinguem-se Sousa (Pinga) e Gomes da Costa, o verdadeiro nervo da equipa.

O elemento mais destacado do Salgueiros continua a ser o guarda-rêdes Peixoto. Um nome a apontar e a ver em exhibições futuras: Oliveira, o avançado-centro.

Acotecimentos da semana

«BASKETBALL» — Efectua-se hoje um festival da especialidade, promovido pelo Ateneu Comercial a favor da familia do sado Antonio Martins, um jogador que foi exemplo de virtude desportivas.

«BOXING» — Em Genebra, a equipa amadora da Hungria venceu a da Suíça, por 12-4. Os magiães, especialmente Valda, Porma e Osze, causaram muito boa impressão.

«CICLISMO» — Os corredores chilenos Acuña e Gonzalez bateram, em Santiago, o «record» sul-americano dos 100 quilómetros contra-relógio, estabelecendo-o em 2 h. 33 m. 35 s.

Rebun-se novamente o congresso da União Velocipédica Portuguesa.

«FUTEBOL» — À frente do campeonato de França encontrava-se o Lens, seguido do Olympique Lillois.

— No campeonato da Dinamarca é «leader» o O. B. Copenhagen, seguido pelo Boldklubben.

— O campeonato da Argentina foi ganho pelo Boca Juniors, seguindo-se-lhe, na classificação, o River Plate e o San Lorenzo.

— O Valência continua favorito do campeonato de Espanha.

— Pela 16.ª vez consecutiva, o Luso Sporting Clube ganhou o campeonato de Beja.

«HANDBALL» — Em Barcelona jogou-se a final do campeonato de Espanha, entre o San Fernando e o Amalok-Bat, ambos de San Sebastian, ganhando o primeiro por 2-1.

«NATAÇÃO» — Na segunda jornada do Torneo de Inverno, o Estoril Praia, triunfando nas cinco provas, aumentou a sua vantagem para 67 pontos, tendo o Belenenses (56 p.) e o Sporting (16 p.) permutado lugares.

Registam-se resultados muito apreciáveis, em especial nos 4x100 m. estilos, mais 3 x 200 de que o «record» nacional. Nas provas preliminares, o principiante Francisco Salgado fez a 30.ª s. em 200 m. livres, tempo que, homologado, seria «recor» da categoria.

Os vencedores, nas oito provas, todos êdes do Estoril Praia, foram os seguintes: Nuno Salgado Barreto, 24.ª s. livre, a 33 m. costas, infantil; Artur Mendes da Silva, 1 m. 20 s. em 100 m. costas, principiantes e juniores; Hety Heymann, 1 m. 27 s. 2/10 em 100 m. livres, seniores; Júlio Mendes da Silva, 3 m. 15 s. em 300 m. buços, seniores; Mário Simas, Eduardo Câmara e Sousa e Mira Gomes, 3 m. 44 s. 7/10 em 3 x 100 m. estilos, inscrição livre; Francisco Ribeiro Salgado, 2 m. 29 s. em 200 m. livres, principiantes; Georges Block, 1 m. 27 s. 9/10 em 100 m. buços, principiantes; Gil Paucada Bravo, 44 s. 4/10 em 66 m. livres, principiantes.

«POLO» — Em Buenos Aires disputou-se a final do campeonato da Argentina, sendo adversárias as equipas do El Trebol e do Venado Tuerto. A primeira ganhou por 2-7.

«TENNIS» — Carles e Blanch derrotaram, em Barcelona, Olazaga e Bartoli, nossos conhecidos, por 5-7, 6-3, 6-2 e 6-0.

«TENNIS DE MESA» — O campeonato infantil de Lisboa foi ganho pelo Internacional, classificando-se o Ateneu Comercial e o Benfica nos outros lugares de honra.

Números cantam...

O mote é sempre o mesmo, mas as glosas diferem um pouco de semana para semana. Cada pessoa continua a olhar para o mapa — buscando quasi sempre elementos que a realidade implacavelmente destroi. No que está para suceder todos contam com o azar do próximo, e nunca com o próprio azar. Quasi todas as interpretações, por enquanto, são alegres. Mas vamos à cantiga desta semana.

Com 6 pontos — Atlético (3 vitórias, 11-3 em bolas).

Com 5 pontos — F. C. do Pôrto (2 vitórias e 1 empate, 8-5 em bol s); Sporting (2 vitórias e 1 empate, 8-8 em bolas).

Com 4 pontos — Benfica (1 vitória e 2 empates, 8-3 em bolas); Belenenses (1 vitória e 2 empates, 5-4 em bolas).

Com 3 pontos — Vitória de Guimarães (1 vitória, 1 empate e 1 derrota, 5-7 em bolas).

Com 2 pontos — Olinhense (1 vitória e 2 derrotas, 8-6 em bolas).

Com 1 ponto — Vitória de Setúbal (1 empate e 2 derrotas, 5-7 em bolas).

Com 0 pontos — Académica (3 derrotas, 6-12 em bolas); e Salgueiro: (3 derrotas, 2-13 em bolas).

Marcadores da 3.ª Jornada — Pratas (Atlético) 2; Moreira (Olinhense) 2; Feliciano (Belenenses) 1; Teixeira (Benfica) 1; Je-us (Atlético) 1; Lopes 2.º (Atlético) 1; Mignel (Guimarães) 1; Amador (Setúbal) 1; R-ndas (Setúbal) 1; Peyroteo (Sporting) 1; A. Marques (Sporting) 1; B-rrosa (Sporting) 1; Araújo (Pôrto) 1; G. da Costa (Pôrto) 1; Correia Dias (Pôrto) 1; Oliveira (Salgueiros) 1; António Maria (Académica) 1; Joaquim Paulo (Olinhense) 1; Carbrita (Olinhense) 1. O médio Aristides, da Académica, marcou um goal nas próprias redes.

Vai abrir a época

VAMOS ter no próximo domingo, finalmente, as primeiras provas oficiais da nova temporada de «handball»: efectua-se a jornada de abertura do Torneio de Preparação, disputado pelos clubes que concorreram ao campeonato anterior e também pelo Estoril Praia, que se estreia assim na modalidade.

A falta de provas, ou sequer de jogos particulares, não permite ajuizar da constituição dos grupos e, portanto, do seu valor actual. Seriam inconsistentes as opiniões que se arrissem acerca da primeira prova oficial da nova temporada. É contudo de prever que a forma dos jogadores, com razões para ser ainda bastante deficiente, se reflita no decorrer da prova, ofuscando-lhe parte do brilhantismo que podia vir a ter.

Assim, só p' demos afirmar afoitamente que o Torneio de Preparação será de facto preparatório de tudo e de todos — jôgo, jogadores e árbitros...

O sorteio colocou da seguinte forma os clubes concorrentes a este torneio — e cremos que também ao próximo campeonato, pois não é muito natural a inscrição de mais grupos na prova máxima do «handball» lisbonense: Internacional-Estoril Praia; «Os Treze»-Marvilense; Benfica-Unidos; e Belenenses-Sporting.

Em face da regulamentação adoptada para o torneio, só quatro destes clubes disputarão a segunda eliminatória. Belenenses e Sporting foram manifestamente infelizes, porquanto qualquer deles deve possuir «team» capaz de ir além da primeira jornada. Fala-se, todavia, de um torneio subsidiário, para que as equipas afastadas desta prova não fiquem em «civas» até se dar começo ao campeonato de Lisboa.

Esta ideia, uma vez posta em execução, deve merecer todo o aplauso, pois assim desaparecerá o inconveniente de servir o Torneio de Preparação só aos mais apetrechados — ou beneficiados pelos sorteios...

No entanto, o panorama actual da modalidade, é animador. Pelas declarações de Anibal Marques a um nosso ilustre camarada, colhe-se a certeza de que a direcção que está neste momento à frente dos destinos do «handball» lisboeta vai empenhar-se, com vontade, na execução de um programa de trabalho digno da simpatia de todos.

É, todavia, trabalho mais em profundidade (passe o termo) do que de resultados imediatos, pois tem em vista a propaganda da modalidade junto do publico e clubes de Lisboa e seus arredores, nomeadamente na margem sul do Tejo.

Digna de nota é igualmente a inclusão do «handball» nos campeonatos da «Mocidade». A deliberação tomada pelos dirigentes deste organismo nacional é de tal latitude que não será exagero afirmar que dela resultará o ressurgimento da modalidade, tanto mais que é a primeira vez que ao «handball» é atribuída a sua verdadeira função — a de complemento da gymnástica praticada em recintos cobertos.

Outra vantagem trará ainda a inclusão deste desporto nos campeonatos da «Mocidade» — o recrutamento de jogadores ainda isentos de efeitos adquiridos noutros desportos semelhantes, e que, integrados mais tarde em equipas de clube, transformarão por completo a técnica errada que é adoptada hoje: usar e abusar do corpo-a-corpo, em prejuizo das jogadas e que é afinal a verdadeira beleza do jôgo.

Eis, a traços largos, a posição de momento no «handball» lisboeta.

ÁLVARO GASPAR

Assine a Revista «STADIUM»

3 meses Esc. 19\$50

6 meses Esc. 39\$00

12 meses Esc. 78\$00

da intimidade para dever ser considerada uma festa do jornalismo desportivo nacional, cujas figuras mais destacadas ali via revidadas.

Por isso e porque, acima de tudo, se considera jornalista da especialidade, ele, dr. José Pontes, se sentia satisfeito e alegre.

Com a sua palavra fácil e fluente, recordou, então, como, há 41 anos, se lançou no jornalismo, desbravando o caminho que os das gerações seguintes vieram percorrer com talento e conhecimentos, aos quais prestou homenagem, e com o entusiasmo da mocidade que, afirmemo-lo nós, não ofusca a perene mocidade de tão prestigioso e considerado propagandista.

Com emoção e sãidade, o orador recordou nomes de precursores do desporto e do jornalismo da especialidade: alguns, infelizmente, já desaparecidos, desfiou factos e acontecimentos da sua já longa carreira e, com vibração contagiosa, afirmando o seu orgulho de camarada mais antigo, frisou como o desporto está indissolúvelmente ligado a tantas obras de beneficência e de altruismo, citando nomes de inúmeras obras de carácter filantrópico que ao desporto devem a sua origem e a sua existência.

«Stadium», dirigida por um intelectual, orientada com simpatia, feita com honestidade, é — disse — um halante do desporto, a quem o desporto algo deve já e mais virá a dever ainda.

A camaradagem, base do Irilunfo — revelou Avelar Machado

O nosso chefe de redacção, depois de agradecer as frases amáveis com que o tinham brindado, disse que se quisessem, o considerassem apenas um modesto coordenador de trabalhos, quando muito um «modesto médio» centro de uma equipa que tem na camaradagem o seu melhor atributo.

De facto — continuou — o espírito de camaradagem que todos animam tem conseguido superar as dificuldades e os obstáculos que surgem no dia-a-dia de uma actividade ingrata como é a do jornalismo, nomeadamente o desportivo.

Abordando um ponto já focado por Tavares da Silva, evocou, com mal contida emoção, a figura cavalheiresca e sãadosa de Pedro Bordado Pinheiro, que, a frente do «Diário de Lisboa», não se cansava de manifestar o maior apreço pelos jornalistas desportivos.

Regressando à realidade dos tempos presentes, focou a personalidade vigorosa de Amadeu Seabra, o tino administrativo de J. Soares, a simpatia espontânea de dr. Guilhermino de Matos, a quem lamentava conhecer apenas há um ano, e afirmou o seu reconhecimento pela lealdade e a dedicação de todos os que trabalham para a revista; desde os mais consagrados aos mais modestos, citando alguns nomes como símbolos da pontualidade e do espírito de sacrificio, ainda que todos envolvendo, por igual, na gratidão que publicamente manifesta.

E terminou por endereçar ao dr. Salazar Carneira os votos de felicidade para sua filha Margarida, que nessa manhã se consorciara — ao que se associaram todos os presentes.

Na «Stadium» faz-se jornalismo são — disse o dr. Salazar Carneira

Depois de agradecer a ventura desejada para sua filha, aquele nosso distinto colaborador, que no desporto firmou o seu valor incontestado como praticante, dirigente e propagandista, espraiou-se em considerações judiciosas e plenas de verdade sobre o ideal desportivo, procuram servir-se...

No próprio jornalismo da especialidade — acrescentou — há elementos, ainda que em número diminuído, cuja utilidade e fins são mais que suspeitos... O saneamento do meio, a irradiação dos imparos, impõe-se para prestigio da classe!

Diz da sua satisfação por tomar parte numa festa da «Stadium», revista onde, reconhece, se faz jornalismo são, por dignos e bem intencionados serem todos os que aqui trabalham, os que, pouco ou muito, conforme as suas possibilidades e aptidões, colaboram na obra comum, cuja vitória decisiva, por isso mesmo, autov, presenciando, para o efeito, a vagem de frequentes reuniões entre os que trabalham para o semanário.

Aproveita o ensejo para saudar Mário de Noronha,

Stadium a Capital do Norte

(Conclusão da pág. 10)

— O Ramalhense é o campeão regional da II Divisão, batendo no seu campo o mais directo adversário: o Vilanovense F. Clube. Ganhou o título com inteira justiça, sem afectar o prestígio da afirmação galeense, que nestes últimos tempos tem subido — e muito — no conceito geral do desporto. Honra ao vencedor.

— Numa exposição à Federação Portuguesa de Futebol, o F. C. do Pôrto aponta «factos» no jôgo de Guimarães. Vinca apenas a sua «atitude» clubista...

— Vai entrar em movimento, com o regional de «basketball», um dos melhores espectáculos desportivos. Voltam os jogos Vasco da Gama-Pôrto e Académico, as duas equipas mais cotadas na Associação nortenha.

antigo campeão, representante de Portugal em várias pugnas internacionais, e cujas exhibições além-fronteiras, nas Olimpíadas, constitua para ele, orador, uma das mais gratas recordações da sua vida de espectador e comentarista desportivo, terminando por afirmar a sua convicção de que da passagem de Mário de Noronha pela Câmara Municipal de Lisboa alguns benefícios hão-de resultar para a educação física.

Procuo continuar a servir o desporto — afirmou Mário de Noronha

Chamado a terreiro — começou por dizer o nosso ilustre covilha — confesso que, de facto, como vereador da Câmara lisboeta, tem procurado servir o desporto, esperando que da sua acção e da sua tenacidade algo resulte de positivo. A criação de campos de jogos em todos os bairros municipais é uma ambição que espera ver convertida brevemente em realidade. E pode revelar que no orçamento camarário figura já uma verba, ainda que por enquanto pequena, para auxilio aos desportos.

Depois, em tom de conversa amigã, bem penetrado no ambiente de agradável intimidade que pairou durante a reunião, Mário de Noronha, o detentor de inúmeros troféus, taças e medalhas conquistados durante uma actividade desportiva de invejável relevo, contou-nos como ganhara o seu primeiro prémio.

Em Lourenço Marques, onde vivia com seu pai, o brilhante escritor Eduardo de Noronha, foi convidado — tinha então 7 anos — para tomar parte numa corrida de cavalos, com outros garotos da sua idade. O cônsul holandês pôs à sua disposição, para o efeito, um magnifico e lindo «pony».

Ao sinal de partida, ele e os seus seis ou sete concorrentes lançaram-se em franca corrida e depressa «pony» de Mário de Noronha tomou a dianteira. Porém, ao aproximar-se da meta e no momento preciso em que o jula de chegada, com uma grande bandeira, ia assinalar a passagem do vencedor, o «pony» estacou de repente, dando em resultado que o miúdo cavalheiro, passado pela cabeça da montada, ia estatelar-se no solo, para além da linha da vitória...

Em conclusão: o «pony» foi «desclassificado», mas Mário de Noronha, que, realmente, fora o primeiro concorrente a transpor a meta, ganhou a corrida e o seu primeiro prémio, talvez com influencia decisiva no jôgo que tomou pelo desporto, e no seu espirito de campeão.

Os antecedentes de uma obra — descritos por José Soares

Em «charia» amena, o nosso presado administrador relatou como Amadeu Seabra lhe surgiu um dia, inesperadamente, com a ideia de fazer surgir a revista; os passos que deram; as diligências que, juntos, realizaram; os nomes que arregimentaram para a orientação e a colaboração da «Stadium». E o «nosso» Soares, hoje um dos pilares do semanário e um dos seus mais entusiastas servidores, não pôde deixar, então, de considerar o Amadeu com «mais carola que os maiores carolais», revelando disposição para dispensar dinheiro e tempo com uma iniciativa, de onde não pode aguardar resultados materiais positivos, mas à qual ele, Soares, se habituou, também, a dedicar um pouco da sua intelligência e muito do seu carinho.

Eis, em traços largos, o que foi o jantar da «Stadium», em reunião que serviu para cimentar amizades, para confirmar dedicações que como bem entendeu o dr. José Pontes, mais do que uma festa da revista foi, para nosso orgulho, autêntica festa do jornalismo desportivo português!

Durante a refeição foram distribuídas pelos assistentes interessados «plaquetas» oferecidas pela Gráfica Santelmo, com escripturas quintilinas alusivas ao aniversário que se solenizava.

A pesar-do banquete não ter sido anunciado, foram recebidos inúmeros telegramas de felicitações, cuja referência a falta de espaço nos obriga a deixar para próxima oportunidade.

Os nossos colaboradores do Pôrto refinaram-se também num almoço de confraternização no Grande Hotel da Batalha. Estiveram presentes Mário Afonso, Eduardo Soares, Hermenegildo Vitorino, Mário Dias, Luis Marcolino e José Magalhães, a convite da direcção da «Stadium».

Não houve brinde. Unicamente Mário Afonso, em nome do nosso director, agradeceu a maneira como todos corresponderam ao que deles se esperava.

A gerência do Grande Hotel da Batalha, num gesto muito simpático, associou-se à pequena festa. Por isso devemos um agradecimento especial ao sr. Ferraz, velho amigo dos jornalistas.

... FLECHA ...



A melhor bicicleta

Salão de Exp. e Vendas:

L. do Intendente-LISBOA

(Fotos J. Manique)



Peyroteo vai rematar em bom estilo, acochado por seis adversários!

Trindade, guarda-redes setubalense, consegue desviar a bola com uma estirada feita em bom esforço



Rodrigues, avançado-centro do Vitória, auxilia a defesa a repelir uma investida dos leões...



A jogada que deu o 1.º ponto dos setubalenses, apontado por Amador